

## Ausência

Brasileiros somem  
no exterior

## Jogo

O último drible  
de Garrincha

## Espanha

Crise sem  
controle

## Colômbia

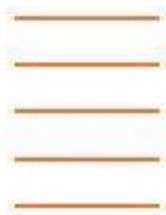
Mulheres  
deslocadas

# CAMPUS REPÓRTER

## Lusco fusco

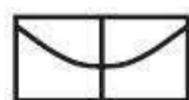
Fios e interruptores  
foram conectados.  
Mas falta energia  
no interior do Piauí





# 2013

FACULDADE DE  
COMUNICAÇÃO  
SOCIAL - FAC



**UnB**

Juscelino Kubitschek quis acelerar o progresso e comprimir cinquenta anos em cinco. Depois veio Darcy Ribeiro e canalizou as ideias para a construção da Universidade de Brasília. Dentro desse guarda-chuva de opções, Pompeu de Sousa foi convocado para criar um projeto de Faculdade de Comunicação, há cinquenta anos. Três linhas de força, três escolas: uma de jornalismo, outra de publicidade e propaganda e a terceira, de tevê, rádio e cinema. Práticas que davam certo, mas também pesquisa de fórmulas novas e criativas. Formação científica e humana, interdisciplinar. Com o tempo, a casa cresceu, foi reformada, ganhou novas habilitações, como a de Comunicação Organizacional, avaliada recentemente pelo Ministério da Educação, de quem recebeu nota cinco, a máxima, um conceito que o MEC chama de excelente. Nós também.

# 50

ANOS  
DE  
HISTÓRIA

**fac.unb.br**

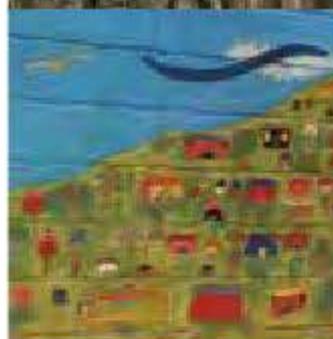


ano 7 ■ nº 12 ■ 2013 FAC 

Vida é mudança. Este ano, várias se anunciaram, nas ruas do país tomadas por protestos ou no jeito de fazer revista. A **Campus Repórter** mudou o formato, por exemplo, sem perder qualidade nas reportagens. ■ Mudou também o editor-executivo, que deixou de ser Sérgio de Sá, embora ele prossiga como um dos que orientam os jovens repórteres no exercício de jornalismo de fundo. A revista ganhou ainda ajuda extra nesta edição, muito bem vinda, aliás, do professor Solano Nascimento. ■ Nem sempre as narrativas são felizes nas páginas que se seguem, mas há o entendimento que precisam ser contadas. É como na vida, há tropeços e problemas, entretanto é preciso prosseguir.



As repórteres Amanda Maia e Amanda Martimon foram em busca das histórias de pessoas que desaparecem no exterior, deixando familiares sem notícias e cheios de preocupação [02]. Os relatos são contundentes. ■ Às vezes, nostalgia se mistura com tragédia para mostrar que o país acusado de não ter memória se esqueceu um tanto de Mané Garrincha, o sujeito que parecia driblar mesmo quando caminhava [16]. O último jogo dele em Planaltina é lembrado por Tiago Amate, que remontou a trajetória do craque naquele Natal de 1982.



O programa do governo que promete levar luz para todos não se cumpre à risca nos lugares mais remotos do país [28]. A reportagem de Bárbara Ferreira e Maryna Lacerda acende a realidade de pequenas cidades encravadas no Piauí, cujos habitantes mostram-se criativos na hora de saber a trama da novela nacional. ■ Para contar a história de colombianas que ficam deslocadas no meio do conflito interno que desmonta o país, Lívia Mota viajou para se encontrar e dar voz aos relatos de uma guerra surda que torna invisíveis a muita gente mulheres que parecem ter perdido tudo, menos a dignidade de tocar a vida [42].



Ainda no campo internacional, Roberta Pinheiro fornece um perfil da crise espanhola, depois de um longo período de aparente fartura [52]. Um drama que mexeu com o modo alegre de levar a existência dos habitantes ibéricos, manchando-o de cores menos vivas. Viver não é para principiantes. Roberta fazia intercâmbio quando ocorreu que era preciso registrar as narrativas da crise financeira, mas sobretudo humana. ■ Para fechar a edição, os poemas gentilmente cedidos por Augusto Rodrigues, integrantes de um livro que ainda se encontra inédito [62]. ■ Se o imprevisto dá um toque especial à vida, que venham as mudanças.

**Paulo Paniago**  
Editor-executivo

# carta do editor



burrocracia  
desemprego

estudo  
comunicar  
vezes  
prancha

Eles estão em algum lugar do

outro lado





# Não há números.

Os brasileiros ausentes no exterior não são sequer estatísticas. O peso de seus sumiços é calculado apenas por familiares e amigos que ficam. São números contabilizados em forma de datas e ligações. As lembranças mais recentes se referem, quase sempre, às últimas vezes. O último telefonema, a última notícia, o último abraço.

A busca por alguém em território estrangeiro enfrenta, além da angústia e o sofrimento esperado, a distância e altos custos com documentação e chamadas internacionais. A já difícil burocracia é falada em outro idioma, sob o olhar de uma cultura diferente. Com esses agravantes, muitas famílias não sabem a quem recorrer quando deixam de se comunicar com algum parente que vive fora do país.

A perda desse contato nem sempre é involuntária ou por motivos desconhecidos. Às vezes, até se tem ideia do provável paradeiro. Por isso, esta reportagem fala de brasileiros que estão ausentes e não desaparecidos. Ausentes não no conceito jurídico, que define ausente como aquele que não está e não nomeou um representante. A ausência, neste caso, trata da perda ou enfraquecimento de laços afetivos causados pela distância física e emocional.

Carla, Elena, Leandro, Osmar, Ana Lúcia e Daniel poderiam ser tantos outros emigrantes que deixaram pais, irmãos e amigos para trás. Em comum, os seis personagens aqui retratados têm suas histórias reveladas por quem mais sofreu e tomou a frente das buscas da maneira em que pôde. Mães que apresentam os mesmos sintomas. Unem dor, fé, saudade e força para, em suas próprias palavras, não enlouquecerem.

10/02/2006  
Fazia 4°C negativos em Newark, região metropolitana de Nova York, quando **Carla Vicentini**, 22 anos, saiu do bar e restaurante Adegas Grill. Ela seguiu em direção ao seu apartamento do outro lado da rua Ferry Street, no bairro Ironbound, conhecido pela concentração de brasileiros. Vestindo seu único casaco térmico, de cor azul, Carla foi vista pela última vez.

Quando saiu do Brasil, em 18 de janeiro de 2006, a paranaense, estudante de engenharia têxtil, tinha planos para o retorno. Ela estava determinada a melhorar o inglês, guardar dinheiro e voltar para cursar gastronomia. No aeroporto, deu um último recado ao vivo para a mãe. “Não chora, por favor, eu vou voltar logo.”

Apenas dois dias depois do desaparecimento, os pais souberam do ocorrido. Acostumada a falar com a filha todos os dias, às vezes mais de uma vez, Tânia estranhou a falta de ligações. “Eu achei que ela estava com muito trabalho e sem tempo. Ela me passou tanta segurança que eu nem imaginava que isso pudesse acontecer.”

Demorou 13 dias para o FBI, departamento federal de investigação dos Estados Unidos, começar as investigações e classificar o caso como sequestro. “Eles não falam muita coisa, não abrem as informações, mas tudo leva a crer que ela foi tirada do apartamento”, conclui a mãe. As evidências, para Tânia, estariam no próprio apartamento: o casaco com as gorjetas do dia, o passaporte e todos os pertences de Carla.

## Luto

Sem qualquer contato havia cinco anos, Tânia ligou para o Consulado do Brasil em Nova York às vésperas do último Natal. A resposta foi a que esperava e para a qual tem se preparado desde 2006: não há novidades. Hoje, distante do dia que transformou sua vida e mais consciente da situação, a mãe consegue aceitar os fatos. “Na verdade, nunca teve qualquer pista”, reconhece. Em um primeiro momento, a família acreditou que Carla pudesse ter ido a alguma festa fora da cidade e não voltado nem dado notícias por conta da nevasca que atingia a região. Com o passar dos dias, meses e anos aceitaram outras hipóteses.

“Hoje a minha filha não está mais viva. Eu sinto isso.” Tânia atribui a falta de pistas que expliquem o que aconteceu à rigidez da legislação americana. Para ela, foi um “crime perfeito”, porque “os assassinos escondem os corpos das maneiras mais absurdas” temendo as duras punições do Estado americano.

O que, para Carla, foi uma luz em um momento de dificuldade fora de casa, agora é visto como uma infeliz coincidência. Um conhecido da família para quem o pai de Carla, Orlando Vicentini, trabalhava como contador, teria oferecido seu apartamento em Newark. José Madeira Martins Fernandes, 82 anos, é o principal suspeito na versão de Tânia. Interrogado pelo FBI, em julho de 2006, nada foi provado contra ele, que continuou a morar no apartamento depois que Carla se mudou para lá.

Em depoimento ao Congresso Nacional, na Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) da Emigração, em setembro de 2006, o empresário negou as acusações e disse não acreditar na possibilidade de rapto: “Eu não penso que ela foi raptada. Eu ainda penso que ela pode estar aí com algum namorado”. Quando questionado por não ter procurado a polícia, Fernandes alegou que não fala inglês bem e que avisou a família da estudante.

Sem respostas, Tânia Vicentini depositou na fé o que nem a maior agência policial do mundo soube explicar. “Se eu continuasse como estava, hoje eu estaria morta ou num sanatório.” Disposta a ser o alicerce da família, Tânia passou a chorar escondido e a falar da filha como se ela estivesse sempre viajando. Em casa, apenas ela fala sobre o assunto abertamente. O pai nunca comenta o desaparecimento nem tem coragem de ver fotos.

“É um luto sem fim, na mente fica um vazio, um questionamento do que aconteceu e por que fizeram isso com ela.” Ainda que aceite a hipótese de morte, Tânia diz que precisa de uma resposta concreta. “Eu sinto uma saudade louca, não tem palavras no mundo para explicar. Saudade de tocar, de olhar nos olhos, ouvir a voz. Por isso, eu preciso de uma resposta. A gente tem que ter um funeral, um ponto final.”



21/12/2011



**Elena März**, 12 anos, estava em casa com a mãe, quando policiais chegaram em mais de dez viaturas para buscá-la. Nos onze meses em que viveu na cidade de Jundiaí, em São Paulo, a menina, à época com 11 anos, frequentou a escola e conquistou duas medalhas em competições de natação e de ginástica rítmica. O pai, Johannes Josef März, veterinário do governo alemão, conseguiu a guarda da filha no primeiro dia do recesso de fim de ano do judiciário brasileiro.

Sem direito de escolha ou despedida, Elena retornou para a Alemanha, onde nasceu, em janeiro de 2012. A menina, que tem síndrome de Down, dificilmente compreende o mandato judicial que permitiu sua partida. Aos gritos e choro, testemunhado por conselheiros tutelares da unidade de Embu das Artes, em São Paulo, Elena foi levada pelo pai alemão.

Quando veio para o Brasil com a filha, em 3 de janeiro de 2011, Eliana tinha autorização de viagem concedida pelo pai. Depois de vencido o prazo, a mãe foi acusada de sequestro internacional. O advogado de Johannes se baseou na Convenção de Haia de 1980, da qual o Brasil e também a são signatários. O tratado determina que a criança levada para outro país sem a autorização de ambos os pais deve retornar de imediato a sua residência habitual.

A Convenção, porém, apresenta exceções. Os países membros não são obrigados a enviar a criança se for provado que o retorno poderá implicar em risco grave para ela. Por isso, Eliana não concorda com a decisão da justiça brasileira. Ela alega que veio ao Brasil para proteger a filha e acusa o ex-marido de violência doméstica e violência sexual contra a menina.

**Luta**  
Eliana permaneceu na Alemanha por oito anos após o divórcio. Por determinação do *Jugendamt*, o serviço alemão de assistência social à infância, a guarda de Elena era compartilhada entre os pais. O *Jugendamt* é um órgão do governo alemão, criado em 1939, e funciona como uma espécie de conselho tutelar dos direitos das crianças e dos adolescentes. Em 2009, o Parlamento Europeu se manifestou sobre inúmeras reclamações que recebeu contra o órgão alemão. Entre as acusações estão discriminação contra pais não alemães, proibição de que os pais falem com os filhos em outra língua que não o alemão e retirada arbitrária da guarda dos filhos.

O documento lista quais seriam os verdadeiros objetivos do *Jugendamt*: evitar, de todas as maneiras, que a criança deixe o território alemão; dar a guarda dos menores ao progenitor de nacionalidade alemã; evitar que as crianças tenham contato com uma segunda cultura ou língua, uma espécie de “limpeza” nacional; e ameaçar os pais estrangeiros que se recusarem a acatar as regras impostas.

Aos 7 anos de idade, Elena desenvolveu a fala. No início de 2007, ao entrar na escola, começou a formar suas primeiras frases e a resistir à ida para a casa do pai aos finais de semana. “Mãe, posso ficar com você aqui? Não quero ir com ele”, dizia ela, segundo Eliana. Desde então, os sintomas e os relatos de Elena indicavam para a mãe, os professores e a sua pediatra – em depoimentos assinados – a possibilidade de abuso sexual.

A reportagem não conseguiu entrar em contato com Johannes März. O seu advogado, Alcionei Miranda Feliciano, respondeu, por e-mail, que as denúncias de Eliana são falsas e têm o intuito de desmoralizar o pai. Para o advogado, “a retirada forçada da criança foi uma medida drástica de uma mãe que nunca se preocupou com o que seria melhor para a criança, que não aceita decisões de autoridades judiciárias tanto da Alemanha quanto do Brasil e que quer impor sua vontade a qualquer custo”.

Processos abertos por Eliana na polícia alemã pedindo a investigação das suspeitas de abuso sexual na filha e de agressões a ela foi arquivado pela justiça, sob a alegação de falta de provas. As sucessivas derrotas na Alemanha fizeram com que Eliana voltasse ao Brasil. Ao chegar em São Paulo, entregou para a Defensoria Pública alguns dos

documentos com queixas que registrou ainda em território alemão. A outra parte, mais importante, deixou aos cuidados do consulado brasileiro em Munique e da Embaixada em Berlim, temendo que as provas fossem destruídas caso fosse abordada pela polícia ao tentar deixar o país.

O processo instaurado pela Defensoria enfrentou a morosidade burocrática do Brasil, tempo suficiente para que a autorização de viagem concedida pelo pai vencesse e ele acusasse a mãe de sequestro. Em 21 de dezembro de 2011, um juiz de plantão concedeu a liminar de busca da menina. Dois meses antes, em outubro, funcionários da Secretaria de Políticas para as Mulheres informaram Eliana que o pai de Elena tentava localizá-la e que já havia acionado a Interpol, Organização Internacional de Polícia Criminal (a sigla reflete o nome em inglês, *International Criminal Police Organization*).

As denúncias feitas por Eliana à polícia alemã e relatórios assinados por vizinhos, professores e pela pediatra, Gunhild Kilian-Kornell, não integram o processo de guarda. O juiz brasileiro responsável pelo caso negou a extradição dos documentos. Para o Conselho Nacional de Justiça (CNJ), não houve qualquer nuance no processo que indique erro do juiz.

O secretário da DAC, Mozart Grisi Pontes, é enfático sobre o caso de Elena März: “A chance de o Brasil conseguir repatriá-la, na minha opinião, é nenhuma. A gente ficou de mãos atadas”. Segundo o diplomata, é muito difícil o Itamaraty agir depois de a justiça brasileira ter dado uma decisão favorável ao pai. Para ele, é preciso repensar como o judiciário aplica a Convenção de Haia. “Aqui no Brasil, a criança

[Elena] foi embora com uma decisão de primeira instância. Lá na Alemanha tem várias instâncias e a criança só vai embora se passar pela última”, avalia.

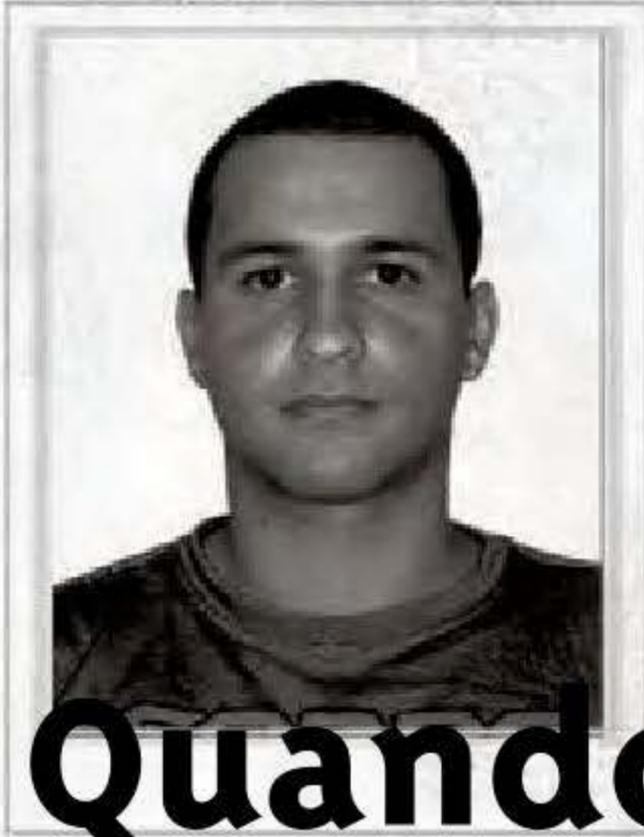
Apesar das evidências e dos fracassos na justiça, a mãe se mantém firme na decisão de recorrer até a última instância. Na busca por ajuda, ela se mudou para Brasília e espera que o Supremo Tribunal Federal, o STF, avalie o processo e possibilite a volta de Elena ao Brasil. Os poucos momentos em que consegue falar com a filha por telefone são a maior alegria para Eliana. O pai, segundo ela, não atende às ligações ao identificar que o número é do Brasil. Nas raras vezes em que consegue contato, a conversa tem que se desenrolar em alemão e sob a supervisão do pai.

No dia 26 de fevereiro do ano passado, a mãe teve sorte, foi a própria Elena quem atendeu. Mas o alívio durou só até o choro do outro lado da linha. “A minha Elena, sempre tão alegre, estava chorando no dia do seu aniversário”, relembra. Em outra situação, depois de diversas tentativas frustradas, ela conseguiu falar com a filha e pediu detalhes sobre viagens e passeios da escola usados pelo pai como justificativa para não repassar as ligações. “No meio da frase, ela parou. Eu perguntei ‘o que foi Elena?’ e ela respondeu ‘meu pai ainda está escrevendo’.”



Eliana mantém a esperança de trazer a filha da Alemanha

## DE SOUZA Leandro Jhone F-1160/12-2011



# Quando a morte é a p

**Leandro Jhone de Souza**, 24 anos, estava prestes a começar uma nova vida nos Estados Unidos quando teria sido pego por traficantes de pessoas, conhecidos como coiotes, tentando atravessar a fronteira. Antes do desaparecimento, a mãe, Marley Elida de Souza, recebeu telefonemas com ameaças e pedidos de resgate. Foram 58 dias em que ela ouvia a voz do próprio filho pedindo para que transferisse o dinheiro. O valor total chegou a R\$ 50 mil. Quando Marley repassou a quantia e disse que não tinha como conseguir mais, o telefone parou de tocar. A última conversa ocorreu em 27 de julho de 2011.

Alzeni Serafim Barbosa Silva, de Mogi das Cruzes, sofre a mesma angústia de não ter respostas sobre o paradeiro do filho mais velho. **Osmar Hideyuki Nakamatsu** tem a idade de Leandro, mas um perfil diferente: vivia no Japão há seis anos com o pai, tinha emprego estável numa fábrica de peças, mas demonstrava estar cansado da rotina – tanto que pediu demissão pouco tempo antes. Na última ligação que fez para a mãe, em 19 de junho de 2012, se limitou a dizer que a amava. Seis dias depois, o pai ligou para contar que o carro do jovem havia sido encontrado a 300 km de Yokkaichi, cidade em que moravam, com a chave dentro e o porta malas aberto. Nenhum documento foi roubado e, no apartamento, a porta estava destrancada e o computador, com os dados apagados.

Enquanto o caso de Leandro leva a crer na atuação de uma rede criminoso, o de Osmar não mostra indícios do envolvimento de terceiros. Uma varredura em um raio de cem metros ao redor do automóvel, que estava próximo ao

monte Fuji, não encontrou pistas. A montanha mais alta do Japão é, na verdade, um vulcão inativo há mais de três séculos que se tornou símbolo do país por sua beleza. Um ponto turístico marcado por tragédias, já que a floresta Aokigahara, ao redor, tem os maiores índices de suicídio do mundo. São cerca de 40 pessoas por ano que escolhem a densa vegetação como cenário para renunciar à própria vida.

A polícia japonesa é a responsável pela investigação do desaparecimento de Osmar, mas, após um ano, o Ministério das Relações Exteriores não recebeu mais informações. O padrasto, Mauro Rodrigues, conta que a mãe prefere não tocar no assunto, pois fica abalada. Logo depois do ocorrido, Alzeni afirmou ter sentido o filho diferente na última ligação. Ela tentou retornar o telefonema, mas o celular direcionava para a caixa de mensagem. “Ela acredita que ele sumiu porque quis e acha que, quando ele quiser, aparece”, explica o padrasto, que considera a hipótese de suicídio.

Assim como Alzeni, Marley não tinha condições de falar sobre o assunto em 2011. Aos poucos, se recupera do trauma. “Eu acho bom falar, porque, às vezes, quando alguém ler a reportagem, se comove e se mexe, faz alguma coisa por nós.” Esquecer, porém, jamais. Tanto ela quanto o Itamaraty, por meio de telegrama trocado com outras embaixadas e consulados, enquadram a situação pela qual Leandro passou como tráfico de pessoas (leia mais em *Um crime fora da lei*).

Na versão da mãe, ele e três amigos teriam sido agenciados por um homem chamado Everaldo Santos Andrade, de Presidente Prudente, São Paulo, a quem pagaram US\$ 5 mil cada um com a promessa de conseguir trabalho em menos de um mês. Assim que chegaram ao México, teriam viajado horas de carro para uma cidade distante, próxima à fronteira. “O Everaldo chegou a vir para cá fazer a proposta, apertei a mão dele. Ele enganou bem, você olhando era uma pessoa normal. A gente nunca imaginou isso. Quando me ameaçaram, eu liguei para ele, mas ele disse que o Leandro estava em boas mãos e



# Principal suspeita

que não era para eu me preocupar. Nunca mais conseguimos falar com ele. Lá no México, tinha alguém esperando por eles e esse que era bichão, o monstro”, acusa Marley.

Everaldo Santos, apontado como a pessoa que teria negociado a ida de Leandro para os Estados Unidos, foi localizado pela reportagem por e-mail. Ao ser informado sobre as acusações e o tema da entrevista, não respondeu mais às mensagens. A mãe conta que, após uma semana em uma casa escura de 80 m<sup>2</sup> e com cerca de 50 pessoas, o filho saiu durante a noite para fazer a travessia de um rio a pé com “guias mexicanos”. Quando passou a fronteira, ele teria escapado de policiais americanos, mas logo depois sido sequestrado pelas pessoas que fizeram as chantagens e pediram o dinheiro.

Ao repassar a quantia, Marley ainda recebeu um último telefonema. Um colega que já morava nos EUA entrou em contato com a família e disse ter recebido uma ligação de uma pessoa informando que o jovem de 24 anos estava morto. “Disseram que ele morreu de parada cardíaca na hora de atravessar. Simplesmente morreu, não deu mais detalhes. Mas para mim é tudo disse que me disse. Ninguém sabe, ninguém viu”, a mãe rebate.

Hoje, a foto de Leandro estampa uma página da Interpol na internet, na seção de desaparecidos. A Organização Internacional de Polícia Criminal, com 190 países membros, presta assistência técnica e operacional às polícias locais e federais na identificação de crimes e criminosos. O órgão também participou das investigações do desaparecimento da inglesa Madeleine McCann.

# Um país de des encontros

Com a reforma da Lei de Controle de Imigração do Japão, em junho de 1990, os descendentes de japoneses de até terceira geração passaram a ter direito ao visto sem validade. Para atender a demanda por mão de obra barata e não qualificada, milhares de *dekasseguis* migraram em busca de ganhos salariais. Os consulados do Brasil em Tóquio, Nagoia e Hamamatsu são os únicos de todas as representações do Itamaraty no exterior que possuem o número exato de brasileiros imigrantes devido ao controle das autoridades sobre a população estrangeira. São 223.597, segundo o levantamento de 2011, sendo que desses apenas 26 encontram-se em situação irregular.

Os casos de desaparecimento são comuns. No site oficial do consulado de Nagoia, existe uma lista com mais de 330 cidadãos brasileiros procurados por seus familiares. Marina Nakamura, os irmãos e os pais, já idosos, sentiram esse distanciamento quando Valter Nakamura foi para o Japão. Desde 2009, ele não dá notícias, mudou de endereço, não fez mais um telefonema e nem atende as ligações. “No início, eu tinha contato com meu irmão, sou mais extrovertida e o procurava. Depois que ele sumiu, eu mandei e-mail para o consulado, para a embaixada, mas não funcionou. Lá eles respeitam muito o livre arbítrio e os descendentes de orientais não são muito afetivos”, lamenta.



# Um crime forada lei

A legislação brasileira é clara e limitada: o crime de tráfico de pessoas só existe quando envolve exploração sexual. Apesar de o Protocolo de Palermo, do qual o Brasil é signatário, prever como ilegal qualquer tipo de tráfico humano, como, por exemplo, para remoção de órgãos ou trabalho forçado, o Congresso Nacional não adequou o código penal ao documento.

Para a chefe da Unidade de Repressão ao Tráfico de Pessoas da Polícia Federal, Vanessa Gonçalves Leite de Souza, o problema no combate começa antes mesmo de a pessoa aliciada sair do Brasil, porque ela não se vê como traficada. “O maior desafio é quando ela não se reconhece como vítima, porque ela quer viajar e pensa que isso não vai acontecer com ela. O aeroporto é o nosso

campo de atuação, mas o pior lugar para abordar uma pessoa. Temos que partir do princípio de que ela é uma vítima, não uma criminosa, então não existe uma ordem restritiva de viagem ou mandado de prisão.” Em caso de suspeita, a PF aciona a polícia ou adido do país de destino para acompanhar a pessoa e checar se ela está em situação de risco.

A delegada explica que essas vítimas, geralmente, possuem uma situação socioeconômica desfavorável e baixa escolaridade e se deparam com promessas de um ganho financeiro. Um perfil comum é o de mulheres, mães solteiras, com idade entre 18 e 30 anos. Por outro lado, o aliciador tem, normalmente, alguma proximidade com a vítima, pois passa confiança a ela, foi traficada no passado ou conhece alguém que trabalhou com prostituição e voltou esbanjando sucesso. Não raro, a pessoa aliciada tem conhecimento de que está indo para se prostituir, mas por exercer ou já ter exercido a atividade aqui no Brasil,



acredita que não enfrentará dificuldades e prefere não contar a verdade para a família. O problema é que ela não sabe em que condições se dará esse trabalho.

Entre os estados de origem e os países de destino frequentes estão: Goiás, Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro para a Europa – Espanha, Portugal, Suíça e Itália. As regiões Norte e Nordeste, principalmente o Amapá, Pará e Maranhão, registram vítimas nas regiões do garimpo no Suriname e na Guiana Francesa. A ilegalidade, tanto nos países europeus quanto nos fronteiriços, torna o contato entre famílias e trabalhadores, quase sempre clandestinos, complicado.

O acesso a um simples telefone é restrito e até mesmo vetado. Incomunicáveis, eles não conseguem denunciar às autoridades os

abusos cometidos. Além disso, sentem vergonha ou medo de represálias e ameaças à família. Quando conseguem falar com alguém, não são capazes de se localizar ou indicar pontos de referência. A falta de familiaridade com o idioma local é outra barreira.

A delegada da PF faz um apelo: “As famílias devem ser mais diligentes, cobrar nomes e números para contato. Eles sabem que é tráfico porque essa pessoa não pagou a própria viagem para o exterior, alguém pagou para ela. Como a vítima está clandestina, não tem registro em qualquer lugar. Para buscá-la, eu preciso ter um ponto de partida, uma denúncia com endereço, telefone, contato de alguém.” Se encontrada, ela tem a opção de ser deportada ou, em alguns países, de ganhar permanência caso colabore nas investigações. Quando retorna ao Brasil, a vítima pode ser atendida em um dos 27 escritórios de combate e prevenção e passa por acompanhamento para reinserção na sociedade.





# entre poder o limite e querer

Com a família de **Ana Lúcia Soares de Oliveira**, 46 anos, prevaleceu o sentimento de frustração e impotência para lidar com os problemas decorrentes da sua partida. Era como se apenas seu retorno pudesse reestruturar o grupo familiar. A moradora de Aparecida de Goiânia deixou a mãe, três irmãs e quatro filhos no Brasil, em 2001, para morar na Espanha. A decisão de vender a casa para comprar as passagens veio depois de conversar com uma mulher que havia passado pela experiência. Com o emprego em um restaurante, ela ganhava o suficiente para se sustentar e mandar uma quantia que chegou a R\$ 5 mil por mês.

Uma parte do dinheiro ia para a amiga cujos pais cuidavam da filha mais nova, Bárbara Felqui Soares, e a outra ficava numa conta de banco que a mãe, Luiza Soares, de 77 anos, tentava gerenciar. Quando retornou para o Brasil, em novembro de 2003, para uma visita, Ana não encontrou o valor que esperava estar depositado. Ela ficou menos de três meses em Goiânia e fez uma lipoaspiração. Depois que voltou para a Espanha, continuou ligando para a família até junho de 2004. Em um dos últimos telefonemas, pediu que a mãe enviasse um documento de antecedente criminal e afirmou estar namorando escondido porque o ex-namorado era muito possessivo. “A única reclamação dela era essa, que ele [o ex-namorado] quase não deixava ela sair, que ele era um cara muito ciumento”, conta o filho Levi Thiago Soares de Oliveira.

Quando ela parou de ligar, as suspeitas da família recaíram sobre o antigo relacionamento. “O nosso pensamento é que ela está em algum lugar e o cara quase não deixa sair, ter contato. Que ela está presa em algum lugar. Assim, convivendo como casal, mas ele não deixa ela ligar”, supõe o filho Gabriel Soares Pereira. Dona Luiza, que guarda na memória todas as datas relativas à história da filha, se emociona ao lembrar das últimas palavras que ouviu: “Preocupe não, mãe, em setembro eu vou aí”.

Os familiares não tinham pistas: endereço da casa, do trabalho, nome e contato de amigos ou mesmo do namorado. “A gente não imaginava que isso ia acontecer, então ficávamos tranquilos. Ela também poderia ter falado: ‘Se acontecer alguma coisa, procurem tal pessoa, vou deixar o telefone’”, reconhece Levi. Sem saber a quem recorrer, eles registraram o desaparecimento na Polícia Federal, mas nunca tiveram resposta. Outras pessoas sugeriram que eles fossem a Brasília, mas, em nenhum momento, houve a indicação exata da Divisão de Assistência Consular (DAC) do Itamaraty.

# Por trás da reportagem

A reportagem passou o contato da DAC à família da Ana Lúcia para que o MRE encaminhasse o caso para os consulados e a Embaixada do Brasil na Espanha. Em menos de duas semanas, ela foi encontrada por meio da matrícula consular, que tinha o número do telefone da casa dela.

O Itamaraty recomenda aos brasileiros que estão no exterior que façam uma matrícula gratuita. Basta ir à embaixada ou consulado do país de destino, que funcionam em esquema de plantão 24 horas, e se apresentar com documento que comprove a nacionalidade brasileira e uma fotografia. Feita a matrícula, o cidadão brasileiro recebe uma

carteirinha de identificação em que constam seus dados pessoais, telefone e endereço. Todas as informações são sigilosas e os funcionários consulares jamais denunciam brasileiros irregulares às autoridades locais

Oito anos se passaram até que o MRE forneceu o tão esperado número de telefone. Ana recebeu o telefonema da mãe e contou que perdeu os contatos da família depois de sofrer um acidente de carro, em 2006, com o marido, que faleceu. Hoje, ela mora em Toledo com dois filhos, gêmeos, de 5 anos.

Questionada sobre o período anterior ao acidente, em que Ana Lúcia não deu notícias aos

filhos e à mãe, ela justifica que a rotina teve um grande peso. “Eles queriam que eu ligasse todo dia, mas eu trabalho demais, são 16 horas por dia para ganhar 1.300 euros por mês. Não posso julgar nada, mas coisas estranhas aconteceram no Brasil. Tinha deixado o dinheiro com a minha mãe e me decepcionei com todo o valor perdido.” Até hoje corre processo contra o banco e ninguém sabe explicar o que aconteceu com o dinheiro. Quanto à preocupação dos familiares, Ana relativiza: “Sempre tivemos problemas. Eu sabia que minha mãe estava preocupada, mas uma coisa de louco eu sei que ela não estava. É coisa de família”.

## Serviço

Em casos de desaparecimentos de brasileiros no exterior, o recomendado é que as famílias informem a Divisão de Assistência Consular (DAC) do Ministério das Relações Exteriores, o Itamaraty. O contato pode ser feito por e-mail ou telefone. A divisão entra em contato com os consulados e embaixadas do Brasil – são 14 vice-consulados, oito consulados, 43 consulados gerais e 108 embaixadas espalhados por 112 países.

Quando não se tem nenhum indício de que o sumiço envolva uma situação de risco ou crime, os próprios cônsules brasileiros são acionados pelo Itamaraty para levantar informações. Ao serem localizados, os brasileiros que vivem no exterior precisam dar autorização para que o consulado informe a família sobre o paradeiro e informações pessoais, como endereço e telefone.

**Telefones:** (61) 2030-8803/ 8805/ 8808/ 8809/ 8817/ 9718

**E-mail:** dac@itamaraty.gov.br

A DAC também funciona em regime de plantão. Nesse caso, o telefone é (61) 2030-6456.



Daniel passou quatro anos sem falar com a família

“EU NÃO SUMI”

## Vida de cristal

“Durante todo o tempo, eu pensei ‘pô, eu podia ligar’. Quando eu já tava um ano sem ligar, passava na frente do telefone e pensava ‘pô, melhor ligar. Ah, mas ligar para falar o quê?’.” **Daniel Hamada**, 32 anos, não tenta justificar os quatro anos que ficou no Japão sem dar notícias para a família. Ele admite que podia, mas não quis. A perda do celular foi a coincidência que ele abraçou. “Sem ele ninguém mais me ligava”, brinca. É claro que ele sabia o número de casa, mas, na medida em que perdia o gosto pela vida, perdia também a vontade de falar.

Depois de sair do Exército, aos 20 anos, em 2001, Daniel decidiu ir para o Japão. A família apoiou sem hesitar, ele estranhou. Com emprego certo, conquistado em uma empreiteira de serviços do bairro da Liberdade, em São Paulo, e local para ficar, ele partiu para trabalhar em um fábrica em Yokosuka, cidade a 50 km de Tóquio. A mãe acreditou que esse seria o melhor caminho para “endireitá-lo”. “Só que acabou acontecendo o contrário, né?”, constata Daniel.

Antes de conhecer o cigarro de nicotina, Daniel, aos 13 anos, foi apresentado à maconha. “Era de leve.” No Exército, para virar noites seguidas acordado na guarda, descobriu o efeito da cocaína. Por sete meses, a sensação de liberdade em terras japonesas driblaram a vontade de usar qualquer droga. Depois, veio a saudade da família e a rotina pesada de trabalho.

No Japão, encontrou pequenos cristais e não resistiu à tentação. A metanfetamina – conhecida como cristal pela aparência – trouxe de volta a euforia de antes. Capaz de mantê-lo acordado a noite toda, Daniel passou a gastar todo o salário com a droga. Nos cinco minutos de pausa no trabalho para o café, ia ao banheiro para usar mais.

Em 2004, Daniel diz ter chegado ao seu limite. De mal consigo mesmo, resolveu se excluir do mundo. “Como eu não tinha dado certo, eu não me sentia à vontade para ligar.

Por exemplo, eu ia ligar e dizer que estava tudo bem, mas na verdade estava uma bosta, eu ia mentir. Então, como não tinha nada de bom pra falar, eu nem ligava”, resume.

A família passou a ser substituída pelos amigos. “Eu tinha bastantes amigos, mas que prestavam, poucos. Bem poucos.” Todos conquistados pela droga que ele compartilhava. Também com eles, Daniel dividiu a cela ao ser preso por porte de entorpecentes. Os outros nove detidos com ele cumpriram pena de três meses a um ano e meio. A polícia japonesa estabelece um período máximo de

dez dias para as investigações. Se não houver provas contra o detido no fim do prazo, ele é liberado.

Daniel foi solto no décimo dia, por sorte. “Até hoje eu me pergunto como. Meu santo é forte, viu?”, conta Daniel, ainda sem entender como nada foi detectado no seu exame de urina. Com um mandato, os policiais revistaram sua casa, mas não encontraram o pacotinho com comprimidos de ecstasy escondidos em um buraco no tatame de madeira – suporte para camas japonesas.

## O que vou dizer?

No fim de 2007, ele foi ao Consulado renovar o passaporte e, com a passagem pela prisão, pensou que teria problemas com o visto. Ao puxarem sua ficha no sistema, surgiu um aviso na tela do computador e Daniel foi levado para uma sala reservada. “Eu pensei, ‘a casa caiu, vou ser deportado’”, lembra.

Em particular, o funcionário consular avisou que a família o procurava e perguntou se ele estava com algum problema. Passado o susto, a ideia de deportação não parecia tão ruim. Daniel, que hoje mora em São Paulo, lembra que já cogitava voltar para casa e havia pensado no assunto nesse mesmo dia. Há mais de um ano sem usar drogas, também achava que devia ligar.

A avó de Daniel foi quem atendeu a ligação. A primeira notícia pareceu anunciar o que ele temeu e evitou saber por anos: a mãe não morava mais lá. Sem

saber que ela apenas havia se mudado para uma casa do outro lado da rua, o filho imaginou o pior. Quase se arrependeu de sair do anonimato.

Com o telefone da mãe em mãos, surgiu a dúvida: “Como eu vou falar com a minha mãe?”. Daniel encarava o telefone público, mas não conseguia discar. Saiu para comprar água e voltou para frente da cabine telefônica. “O que eu vou falar para minha mãe agora?”

No primeiro toque, ela atendeu. Enquanto ele pensava, a mãe já havia sido avisada pelos parentes. “Se prepara que ele vai ligar para você”, alertou a avó. Depois de quatro anos em silêncio, Daniel chorou ao ouvir a mãe.

Ela pensava que ele **tinha morrido.**  
Ele também.



# O adeus do craque

Era Natal de 1982 quando Mané Garrincha deixou o Estádio Adonir Guimarães sem saber que nunca mais jogaria futebol

Texto | **Tiago Amate**

Fotos | **Camila Brunca**

Diagramação e arte | **Vanessa Arcoverde**



O campo de terra batida convida fanáticos por futebol a acordar cedo aos domingos em Planaltina, Distrito Federal. A bola começa a rolar às 9h na Vila Buritis e é possível ouvir os fogos de artifício anunciando as semifinais do dia pelo campeonato amador. Ubiraci Oliveira, o Bira, está com a comissão técnica à espera dos jogadores do Londrina de Planaltina. “Eu não consigo ficar um domingo sem ir à beira do campo. Tenho 18 anos de casado e nunca almocei com a minha mulher”, revela o atual técnico do time semifinalista. Mas o entusiasmo dura pouco. Desclassificado naquela manhã, o Londrina volta para casa depois de o apito anunciar a vitória de outra equipe, o Barcelona de Planaltina, por 4x2.

***Trinta anos atrás, há alguns metros dali, no Estádio Adonir Guimarães,*** o Londrina também sairia derrotado em um grande jogo comemorativo contra o time da Associação de Garantia ao Atleta Profissional, a AGAP-DF. Não era domingo, mas um sábado chuvoso de Natal. Lembranças de quem assistiu ao jogo não apagaram a participação de um ponta-direita idolatrado pelos dribles, embora já decadente por culpa do álcool. Aos 49 anos, Manuel Francisco dos Santos — o Mané Garrincha — vestiu a camisa sete do time planaltinense sem saber que era sua despedida dos campos.





**O Estádio Adonir José Guimarães** foi inaugurado no Distrito Federal, em 1978 – quatro anos antes do jogo de Garrincha. Segundo o Cadastro Nacional de Estádios de Futebol, o lugar possui capacidade para seis mil pessoas. Mas naquele sábado de Garrincha, esses números não foram levados em conta.

**“A primeira vez que encheu o estádio de Planaltina, todo mundo mobilizado para ajudar Garrincha”**, conta Valdmir Pereira, ex-ponta-direita do Londrina de Planaltina. Garrincha recebeu 200 mil cruzeiros (816 dólares) pelo jogo, fora os gastos com viagem, hospedagem e alimentação.

O responsável por trazê-lo a Brasília foi o velho amigo desde a década de 60, Manoel Esperidião, o Manoelzinho. Quando conheceu Garrincha, ainda era jogador e também ocupava a ponta-direita, mas pelo América do Rio de Janeiro. “Batizei uma neta dele e ele batizou meu filho, Sérgio”, celebra orgulhoso o fato de terem se tornado amigos. Desde os batizados, Manoel e Garrincha só chamariam um ao outro de “compadre”. Ele ainda guarda a certidão de batismo de Sérgio e tem várias cópias, para dar a qualquer curioso que queira saber da relação que tinha com o craque.

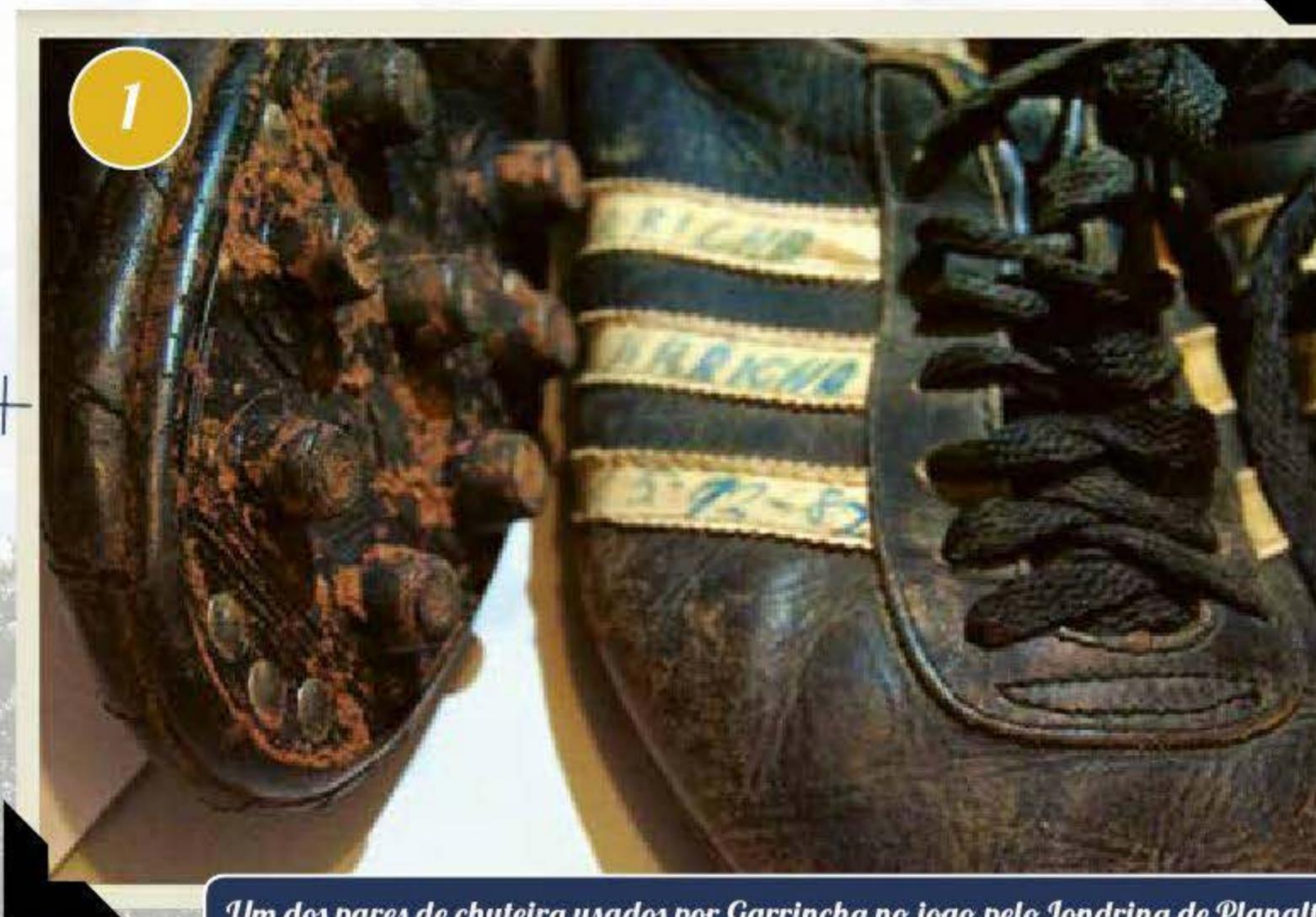
“No dia ele jogou muito. Eram umas 12 mil pessoas, mais ou menos”, lembra Manoel, hoje aposentado aos 75 anos e presidente da Federação do Sindicato dos Atletas Profissionais do Distrito Federal. Manoel recebia ligações de Garrincha constantemente. O ídolo queria morar em Brasília e atuar como técnico. Sem dinheiro e profissão, Garrincha foi. Além da promessa de virar técnico, o ex-jogador recebeu a sugestão de fazer um jogo de exibição. “Ele estava atravessando uma fase difícil, ficou na minha casa uns dez dias. Fizemos um jogo em 25 de dezembro.” O jogo deu certo, mas a ideia de se tornar treinador não foi adiante. Garrincha desistiu de Brasília.

“Ele voltou logo para o Rio. Não deu tempo de treinar o Brasília Esporte Clube”, desaponta-se. De acordo com o velho amigo, Garrincha era assíduo em Sobradinho, onde Manoelzinho possui uma casa até hoje. “Ele estava sempre aqui comigo”, assegura.

“Eu mandava passagem, ele vinha. Nós ficávamos aí, andávamos...”, recorda-se Manoel dos tempos em que conversavam pelas ruas da cidade. Mas aquele sábado de jogo não seria como os outros, “porque ele estava internado, estava no Hospital dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro. Ele saiu para vir”. Garrincha deixou o hospital com violentas síndromes de abstinência. Não conseguia parar de beber e veio para Brasília, jogar sua última partida. Não ficou muito tempo porque o corpo não deixava mais. Manoel comprou a passagem de volta. “Na quarta-feira ele voltou para o Rio. Começou a passar mal”, reconhece. “Eu falei para ele ir embora.” Era 29 de dezembro.

“Ele disse que o médico não sabia o que ele tinha. Era cirrose hepática, mas não queria dizer para ninguém. Só quem sabia era eu”, alega o amigo. Menos de um mês se passou para Manoel voltar ao Rio, no dia 20 de janeiro. Dessa vez por ocasião da morte de Garrincha. No dia do enterro, foi com o ídolo até para dentro da terra. “Eu vinha com o caixão, então cedeu uma barreira, eu caí dentro da tumba. Caiu eu e Vavá, centroavante da Copa do Mundo de 1958.”

Manoelzinho não perdoa Pelé por não ter aparecido no enterro. Ligou para o craque e recebeu uma simples resposta negativa. Pelé e Garrincha não eram amigos. Muitos dos colegas de profissão também não foram ao cemitério. O clima daquele dia pesou entre confusão e xingamentos de sobrinhos, irmãos e cunhados do morto a Vanderléia, última mulher de Garrincha. Além de familiares e amigos, apenas alguns dos grandes



*Um dos pares de chuteira usados por Garrincha no jogo pelo Londrina de Planaltina*

companheiros de seleção brasileira estavam presentes, como Nilton Santos e o capitão Bellini. O país inteiro lamentou a primeira morte entre os craques que levaram a Copa de 1958, na Suécia. Garrincha morreu aos 49 anos, vítima da cirrose hepática

A morte foi apenas resultado de uma sucessão de decisões criticadas até hoje. Garrincha demorou a operar o joelho e se afastou do futebol. Além disso, abusava da bebida. Depois da vitória na Copa do Chile em 1962 e do título carioca do Botafogo no mesmo ano, o ídolo perdeu grande parte do futebol que sabia jogar. Na biografia *Estrela solitária – um brasileiro chamado Garrincha*, o jornalista Ruy Castro afirma que o último verdadeiro jogo do craque foi em 15 de dezembro de 1962, quando o Botafogo arrasou o Flamengo por 3x0 na final do campeonato carioca. O responsável foi Garrincha, que marcou os três gols da partida. Um com o clássico chute de direita no canto da tabela, outro no rebote deixado pelo goleiro. Mas o craque tinha de brincar. No segundo gol do jogo, Garrincha fez o adversário marcar

contra. Com o famoso cruzamento para a área, atrapalhou o zagueiro flamenguista, que acertou o gol a favor do Botafogo.

Depois dessa apresentação espetacular, Garrincha teria se arrastado pelo futebol. Passou mais dez anos jogando por times profissionais até que, em dezembro de 1973, fez a despedida oficial no Maracanã. Integrantes da seleção brasileira que ganhou a Copa de 1970 enfrentavam ao lado de Garrincha um time de estrangeiros que atuavam à época no Brasil. Como saldo do jogo promocional, destinado inteiramente ao que sobrou do ídolo, as oito filhas do primeiro casamento de Garrincha ganharam imóveis e cerca de 500 mil cruzeiros cada uma. Até então Mané fora ajudado por muita gente, de amigos a admiradores. Perdeu tudo o que teve e morreu sozinho porque ninguém mais acompanhava o ritmo constante das bebedeiras.

## Jogo

Garrincha chegou ao aeroporto Juscelino Kubistchek na manhã do Natal, sábado. Mas o jogo em Planaltina só começou às 15h30. Manoelzinho e Antônio Teodoro, mais conhecido como Saty, foram buscá-lo num Opala. Saty, fundador do Londrina de Planaltina em 1976, organizara o jogo para homenagear o ídolo e, com isso, obter alguma chance para profissionalizar o time amador. “Ainda estava preocupado porque não tinha arrecadado o dinheiro combinado e liguei para a TV Brasília, que foi recebê-lo no aeroporto junto com a gente. Fizeram a reportagem e as pessoas em Planaltina ficaram sabendo do jogo”, lembra risonho e aliviado o ex-dirigente do Londrina, que hoje, aos 55 anos, mora no Espírito Santo e é dono de uma agência de viagens.

A profissionalização nunca aconteceu e o Londrina chegou a ficar sem funcionar na década de 1980. “Faltou apoio de empresas e órgãos públicos, a gente também não tinha estádio próprio”, justifica Saty.

“Na época, o Londrina pretendia disputar o campeonato profissional de Brasília. Então, tinha que fazer um marketing, trazer uma pessoa importante”, explica o atual técnico do time, Bira.

Em 1982, ele era rapaz novo. Acompanhou com entusiasmo o jogo inédito em Planaltina. Com o Estádio Adonir Guimarães lotado, a pequena cidade parou. Joésio Menezes, 53 anos, escritor, membro da Academia Planaltinense de Letras, lembra que a chuva não impediu o pai de convencê-lo a ir ver Garrincha.

A caminho do boteco mais próximo, perto da praça do centro histórico da cidade, Amadeu de Jesus fala sobre a experiência de ter visto o jogo. Os passos largos e a jovem pele negra escondem a idade avançada, 62. “Nesse tempo Planaltina ainda era um lugar bem recatado, nós éramos poucas pessoas, praticamente o pessoal mais do setor Tradicional e Vila Buritis”, pontua. Escondido pela sombra do boné ao meio dia, o rosto negro sorri. “A maneira que o Garrincha driblava...”, pausa, e brinca: “Ele andando certo, as pessoas encabulavam, pensavam que ele já vinha driblando sem fazer nenhum movimento do corpo”.

Primo do falecido Adonir Guimarães que dá nome ao estádio, Ronaldo de Freitas, aposentado, 75 anos, também guarda na memória a rápida aparição de Garrincha pela cidade-satélite. Assim como o ídolo, Ronaldo fora jogador. Passou por vários times antigos de Brasília, como o Defelê e o Vila Vicentina, chegou a receber convite para jogar no Santos. Recusou. Estava feliz em Planaltina. Já havia abandonado o

futebol e vivia como fazendeiro numa chácara quando viu o craque jogar. “Ele mesmo estava sem pique. Dava aquelas jogadas, mas não aguentava. Garrincha bebia muito, o problema era esse. Como craque era uma coisa doida, mas a bebida...”, ressalva. “O Pelé tinha essa vantagem, como dizia Nilton Santos, não bebia, não fumava. Garrincha era bom de bola e de farrá. A pessoa vive como quer, né?”.

Com as cores do Londrina de Planaltina, branco e azul, o ponta-direita jogou por 60 minutos. Foram poucas as vezes em que alcançou o gol. O máximo que conseguiu foi atingir a trave ou as mãos de Paulo Vitor, goleiro do Fluminense à época e, mais tarde, também da seleção brasileira. “Me ligaram num sábado, perguntando se eu podia participar desse jogo”, conta o ex-jogador, que hoje trabalha como assessor na Administração do bairro Sudoeste, em Brasília. “Eu disse: posso, posso.”

Paulo Vitor defendeu todos os lances de Garrincha. “Uma falta foi na entrada da grande área, segundo tempo já, ele bateu por cima da barreira, eu peguei”, lembra. “A outra foi no primeiro tempo, que ele entrou pelo lado direito, tentou bater cruzado e fez a defesa”. O gol no último jogo jamais sairia, apesar de Manoelzinho ter insistido muito com o goleiro durante o início da partida:

– Paulo Vitor, deixa a bola entrar, rapaz!

– Não, não vamos desmoralizar o Garrincha.

– Deixa aí, é o último jogo dele...

“Paulo Vitor não deixou, não. Garrincha bateu e ele defendeu”, resume o amigo Manoel. Ao som de vários “deixa passar, deixa passar”, o goleiro aniquilou o último esforço de Garrincha na cobrança da falta. “Não tinha como tentar deixar passar”, justifica-se. “E foi bom pra mim porque, senão, eu seria marcado



pelo último gol que o Garrincha fez. O Andrada [ex-goleiro argentino] é marcado pelo gol mil do Pelé. Eu seria marcado pelo último gol do Garrincha”, ri da comparação.

O bom futebol do craque morrera. Na partida do Londrina, poucas coisas lembravam o Garrincha do auge. “Um jogadas elásticas interessantes. Naquela idade ele ainda criava suspiro nos torcedores”, sugere o ex-goleiro. Mesmo tendo jogado alguns minutos além do primeiro tempo, Garrincha dava sinais de pouca resistência. “Do lado direito eu fiz uma tabela com ele e, como ele já estava um pouco debilitado, o pessoal deixava dominar e tocar direitinho”, comenta Jorge Apolinário, mais conhecido como Bodinho. Com 22 anos, ele era meia-armador no Londrina de Planaltina. “Garrincha tocou para mim, chutei de longe. Eu chutava muito. Faz muito tempo também, né?”, surpreende-se

com a carreira que não levou adiante. Hoje Bodinho é policial civil aposentado.

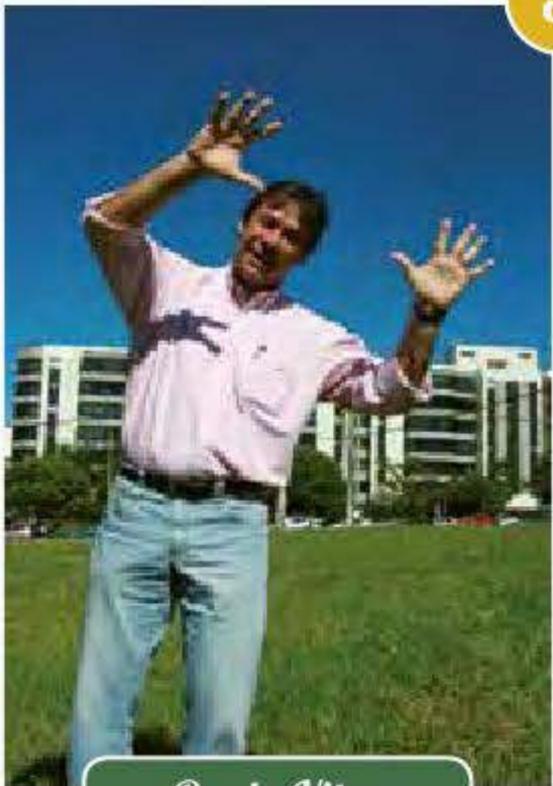
Valdmar Pereira também tinha 22 anos naquele Natal e não continuou no futebol. Trabalhava na Procuradoria Geral da República e preferiu a estabilidade do concurso público à vida incerta de jogador profissional. Apesar do tempo, o velho ponta-direita ainda se enche de esperanças quando o assunto é o futuro do filho de 16 anos, Mateus Lima, que joga

2



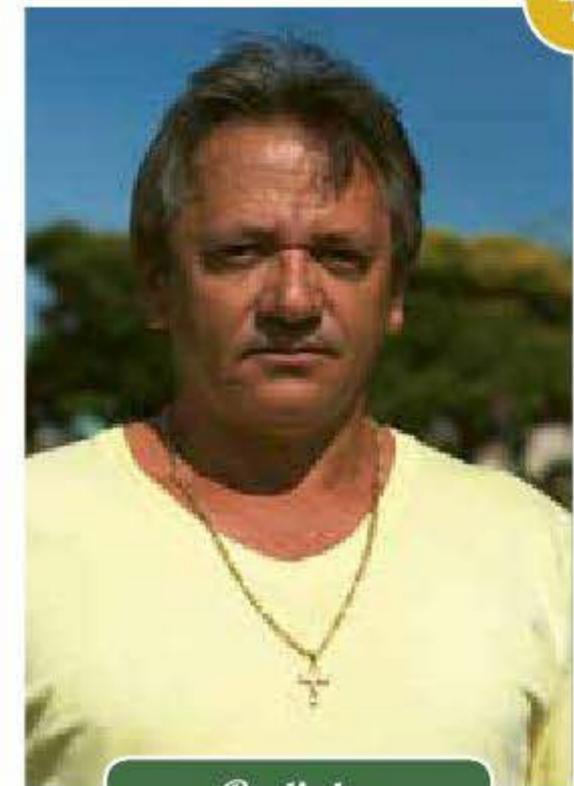
*A família de Dona Geralda reunida em torno de Garrincha, diante da fachada do hotel em que o craque ficou hospedado*

3



*Paulo Vitor*

4



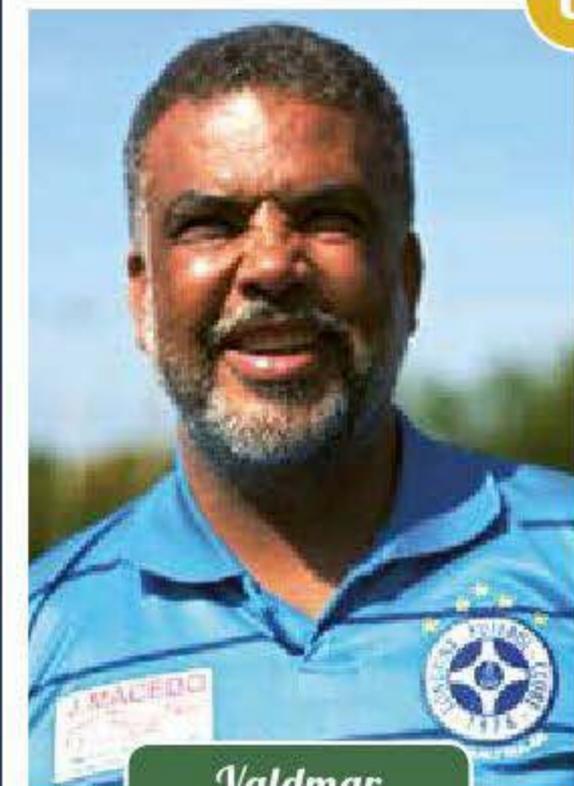
*Bodinho*

5



*Dona Geralda*

6



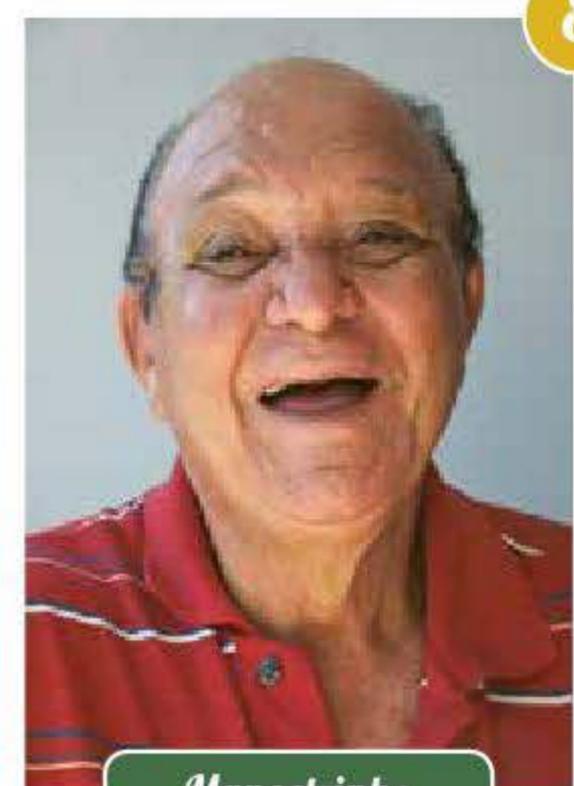
*Valdmar*

7



*Garrincha*

8



*Manoelzinho*

no Rio pelo juvenil do Botafogo – time que revelou Garrincha na década de 1950.

“Muito tempo que não entro em campo”, emociona-se na visita ao Londrina num domingo de campeonato amador. Há 30 anos, Valdmar substituiu Garrincha aos 15 minutos do segundo tempo. “O que marca ele é a simplicidade, a humildade de não ligar para as coisas, mas ser muito amigo”, descreve o ex-jogador. Na biografia Estrela Solitária, Ruy Castro dizia que, para Mané, todos eram gente boa. Bastava beber para que os inimigos sumissem da memória do jogador. “Era festeiro, o jeito dele de conviver, de brincar com as pessoas e agradecer a homenagem feita a ele”, relembra Valdmar.

A partida terminou no 1x0 para o AGAP-DF e logo se tornou o que sempre eram as incursões do ponta-direita pelo interior do Brasil: festa. Dessa última viagem, inclusive, até hoje algumas informações não são completas. Garrincha passou por bar, casa, hotel e quantos lugares mais no dia do jogo? Além desse trajeto incerto, há outra dúvida. Garrincha teria jogado pelos dois times na mesma partida e não por um, como relatou a imprensa. Em reportagem de 1985, o *Jornal de Brasília* publicou fotos com dois uniformes usados pelo ídolo sem mencionar o caso. Esses uniformes e os dois pares de chuteiras usados estão até hoje com Manoel Esperidião, na sede da Federação que preside no Setor Comercial Sul. Ele reuniu objetos e fotografias de Garrincha em um móvel envidraçado, pequeno santuário que divide espaço na sala com os vários quadros de times e jogadores. “Já veio gente querendo comprar isso. Aí eu disse: não!”, gaba-se. De acordo com Manoel, depois de substituído por Valdmar, do Londrina, Garrincha ainda se arriscou cerca de 15 minutos pelo time adversário, o AGAP-DF.

Jogo encerrado, farra anunciada. Ermelindo Alves, que comanda atualmente o Londrina de Planaltina disse não ter nem conversado com Garrincha depois do jogo. O Mineiro, como é chamado pelos jogadores, diz que o ídolo não se demorou muito no Estádio Adonir Guimarães. “Eu só sei de uma coisa, que ele foi para o hotel Casarão e tomou umas pingas lá.” Aos 63 anos de idade ele acha a lembrança engraçada.

## Farra

Assim que acabou a partida, Mané passou rapidamente no hotel Casarão, onde teria se hospedado desde a chegada em Planaltina. O motivo da volta? Uma rodada de conhaque. No Casarão, Mané conheceu a família de Geralda Vieira. Professora aposentada e escritora hoje com 82 anos, Geralda tinha costume de, durante o Natal,

reunir a família inteira para a ceia. O pessoal saía de Goiás direto para o hotel dela em Planaltina.

“Garrincha ficou poucas horas. Levaram ele muito cansado, acho que já estava bem doente. Aí deitou lá, dormiu”, conta Dona Geralda. O quarto era o 17, até hoje não esquece. “A hora que Garrincha levantou e a turma, meu sobrinho, meus filhos viram ele, convidaram para tomar uma cerveja”, acha graça. O jogador recusou a cerveja, mas disse a Edson e Adjar (filho e sobrinho de Dona Geralda, respectivamente) que assim que voltasse do amistoso tomaria conhaque com eles.

Na volta, Garrincha tirou uma foto com a família Vieira no hotel. Passou pouco mais de uma hora, segundo a proprietária. Os dias seguintes não foram mais em Planaltina. “Mas quem que iria pensar que o Garrincha passaria o último Natal dele com a minha família. Que coisa estranha, né?”, indaga-se Dona Geralda. “Você não me conhece, eu não te conheço, de repente o cara aparece lá, vai tirar foto com a minha família, no Natal ainda, data especial”, aos risos ela estranha o próprio passado.

Apesar do silêncio, às vezes Garrincha também podia ser misterioso. Alguns minutos depois do jogo, o jovem Paulo Vitor foi ao hotel levar para o craque o dinheiro do jogo. Encontrou o que restava dele, mais bêbado ainda. “Não era dinheiro muito, era dinheiro bom, dava pra tomar uma cerveja”, conclui. O ex-goleiro foi pego de surpresa com o que ouviu de Garrincha:

– *Faça por mim o que eu não conseguí fazer.*

Sem saber quão lúcida era aquela frase, Paulo Vitor ficou meio confuso. Depois entendeu e guardou de lembrança, pois no ano seguinte conseguiu jogar com a camisa verde-amarela. “São palavras que marcam, por mais que eu seja um goleiro”, ele sorri do inusitado.

No centro histórico de Planaltina, a fachada clara e humilde do Casarão era mais uma das simples construções próximas à praça central, cheia de árvores e banquinhos. Não mudou muito para o que ainda é hoje. “Chegamos de manhã, ele ficou, almoçou, deitou. E, quando foram umas três da tarde eu o levei para o estádio”, acrescenta o ex-ponta direita Manoel.

***Para se assegurar de que Garrincha não beberia, Manoel tirou um cochilo no mesmo quarto, número 17.*** “Eu fiquei numa cama ele ficou noutra”, adianta para não deixar dúvidas. A preocupação, contudo, não foi suficiente para barrar o ímpeto pela bebedeira. O repórter não acreditou no que ouviria.

- Mas bebeu só depois do jogo, né?  
- Não. Ele botou dreia (Dreher) numa garrafa! Que era preto, né, pra me dizer que era café.

**Garrincha foi jogar a última partida bêbado, bêbado. "Bebeu uma dreia, escondido de mim, mas bebeu. Eu até mandei tomar banho antes do jogo. Ele acabou com o jogo, ele acabou com o jogo!"**, Manoelzinho se contradiz em meio à confusão de detalhes. Sabe-se que Garrincha tinha esperteza além da média quando o negócio era bebida. E não lhe faltavam oportunidades para arranjar um pouco de conhaque. Sempre conseguia comprar alguém, persuadir um admirador para camuflar o líquido e levá-lo até ele. "E não bebia cana, cerveja, essas coisas", sentencia o amigo. Garrincha tinha uma receita curiosa para a bebida. Não bastasse beber conhaque, misturava-o com Coca-Cola. Manoelzinho afirma que, naquela fase final, Garrincha havia abandonado os exageros. Bebia devagar porque estava quase sempre embriagado. Por mais que tentasse, até na própria casa, em Sobradinho, Manoel era despistado pelo craque. "Ele estava bem, comia bem", alega. Mas Garrincha já não tinha apetite:

- *Compadre, compra uma galinha que eu quero comer com pão. Não quero jantar hoje.*

Por mais que percebesse o estado do amigo, não podia fazer muita coisa. Garrincha jogara todas as chances de cura no lixo. Passou por internações, clínicas e não ficou mais do que alguns meses longe do copo. "E era um cara calado, né? Não era de falar muito", admite Manoel. Nas festas, a presença dos fãs trazia um súbito dom da fala.

Saty, que organizou um churrasco em sua casa logo que Garrincha deixou o hotel Casarão, no fim da tarde do dia 25 de dezembro, lembra que o falatório era bastante saudosista: "Falou muito sobre a vida dele, como foi a fase de profissional, excursionando com o Botafogo pelo exterior". E acrescenta: "Gostava de falar das mulheres que encontrava e das vezes que não voltava para a concentração. Garrincha não se concentrava". O churrasco foi até uma hora da manhã em Planaltina e houve tumulto para entrar. A polícia foi chamada e, naquela noite, Garrincha



10



*Valdmar jogou com o ídolo pelo Londrina. Sonhava com a carreira profissional aos 22 anos*

dormiu na casa de Saty. Na manhã seguinte voltou para Sobradinho, para a casa do amigo Manoel.

Apesar de conversador e simpático com o público, Garrincha tinha pouco interesse nas pessoas. Nem mais as mulheres despertavam a sem-vergonhice que outrora lhe deu a fama de mulherengo. “Ele estava meio devagar, não queria muito problema, não. O problema dele era tomar a dreiazinha, somente isso”, endossa Manoel. O hotel Casarão estava cheio de moças jovens e Dona Geralda garante que o ídolo não mexera com ninguém. Manoel provoca: “Não queria mais quebrar cabeça. Que mulher é um quebra-cabeça, né?”.

Vânia Vieira, irmã da dona do Casarão, tinha 20 anos e gravou a imagem na memória: “bichinho feio”, deixa escapar ao dizer que, por Garrincha, só se interessou em tirar a breve foto. “O que mais me marcou mesmo foi a bebida. Ele bebia todas. Parece que na época ele gostava da... acho que uma cantora, que ele teve um caso com ela”. Era Elza Soares. Garrincha nunca superaria esse desentendimento, mesmo alguns anos antes da morte.

Em 1982 não estava mais com Elza, mas Vanderléia – a última companheira.

“Eu acho que a Vanderléia foi uma grande pessoa para Garrincha. Mora no mesmo lugar em que morava com ele. No mesmo lugar...”, Manoel fala como se pudesse ver a pequena casa em Bangu, no Rio de Janeiro. Foi difícil para Garrincha superar a separação com Elza. Com ela recebeu toda a assistência em suas bebedeiras, encontrou um porto seguro na péssima fase de seu futebol e ainda aceitou viver no exterior. E o mais importante, tinha amor e sexo. Além disso, foi Elza a responsável pelo jogo de despedida da seleção brasileira e por algumas oportunidades de emprego que Garrincha teve depois que abandonou os gramados.

Garrincha e Elza se conheceram um pouco antes da Copa de 1962, quando o craque, em seu auge, foi até a casa dela pedir ajuda para ganhar “o concurso de jogador mais popular do Rio”. O relacionamento durou até 1977, quando, espancada por um Garrincha bêbado, Elza desistiu de vez. Aquela bebedeira foi a mesma que matara a mãe dela. Anos antes do fim da relação, em 1969, a cantora perdera a mãe num acidente de carro conduzido por Garrincha. Mesmo assim nunca o condenara.

Depois que engatou o romance com Vanderléia, Garrincha não tinha mais ânimo nem pique para as mulheres. *O Jornal de Brasília* em 1985 afirmou que em Planaltina o ídolo teria se engraçado com uma cozinheira de 63 anos num hotel. “Manoelzinho, vê se te manda que a cozinheira está me dando uma bola terrível”, a suposta declaração do ídolo foi reproduzida no jornal. Em *Estrela solitária*, Ruy Castro menciona o caso. Dona Geralda, na época com 52 anos, contesta: “Isso aí é história. Ele estava no meio de uma juventude. A mais velha lá era eu. Não existiu isso, não. Não teve espaço para isso, não”.

Na opinião de Dona Geralda, Garrincha não teria ficado mais de um dia em Planaltina, pelo menos em hotel. A certeza se baseia no fato de o Casarão ser o único hotel da cidade-satélite em 1982. Para o técnico Zé Vasco, que não viu mais Garrincha



*"Essa camisa foi a que ele jogou. Tá suja ainda. Tá toda suja!", anuncia Manoelzinho, mostrando o inventário particular*

depois do episódio, o amistoso foi um breve espetáculo de despedida: "Eu sei que saiu todo mundo abraçado, aquele negócio de jogo de amigo. Amistoso é só para passar o tempo. Foi uma festa para ele, né?"

### **Mito**

Ao lado do Estádio em que Garrincha jogou 30 anos atrás, a terra vermelha que pinta as quadras de futebol do planalto central escurece ao fim de tarde. Ali mesmo Zé Vasco treina as categorias de base do Planaltina Atlético Clube. Por ele passaram jogadores como Lúcio e Sandro, ambos com atuação pela seleção brasileira. Zé garante que a escolinha "foi a que mais revelou jogador" e que Planaltina ainda tem potencial para mais. Enquanto conversa, os gritos da meninada em jogo avançam pelo campo de terra batida.

Há quilômetros dali, no interior do Rio de Janeiro, mais exatamente no município de Pau Grande, foi num campo de terra batida que surgiria um dos maiores jogadores brasileiros de todos os tempos. Entre as conquistas, duas Copas do Mundo consecutivas (1958 e 1962), três Campeonatos Cariocas (1957, 1961 e 1962), além de vários títulos internacionais em competições organizadas pelo Botafogo nas incursões ao exterior. As pernas tortas e o apelido inconfundível continuariam famosos



### **Saudades**

É 2013, faz três décadas que Garrincha se foi. Manoelzinho sente saudades do compadre. Ainda tem na memória o dia da chegada no aeroporto em Brasília para a partida em Planaltina. Lembra quando um repórter que esperava ao lado dele soltou a seguinte pergunta:

– *Você ainda é o maior ponteiro do mundo?*

– *Não, é Manoelzinho agora – Garrincha sorriu.*

O compadre nunca escondera o lado humilde e brincalhão. Triste, Manoelzinho comenta o caso num sussurro, com o olhar perdido: "Ele era gozador. E era gente muito boa, meu amigo".



mesmo anos mais tarde. “Garrincha teve um passado muito grande no mundo”, atesta Manoel.

Naquele último Natal, Garrincha saiu de Planaltina sem deixar suspeitas do breve fim que lhe aguardava. “Despediu todo feliz da vida. Mal sabia que a morte estava junto com ele”, lamenta Dona Geralda. “Você sabe que nós até assustamos quando ouvimos falar que ele tinha morrido? Puxa vida, mas ele estava tão bem aqui...”. Discreto, a álcool consumia todo o organismo de Garrincha. “Mas por dentro devia estar tudo acabado”, compreende a escritora. No dia 20 de janeiro de 1983, menos de um mês depois da passagem por Planaltina, o porre corriqueiro desencadeou um edema pulmonar. Morreu sozinho em um hospital do Rio de Janeiro.

O amigo Manoel não se surpreendeu com a notícia: “Eu esperava porque sabia da doença dele”. Os mais próximos já imaginavam o fim reservado ao estilo de vida que Garrincha escolheu. Na biografia que fez sobre o ídolo, Ruy Castro conta que o jogador foi se isolando aos poucos. A separação de Elza teria sido o ápice da solidão de Garrincha, que vivia altos e baixos com o álcool. Na contramão da trajetória midiática de Pelé, Garrincha sumiu dos noticiários, até que sua morte lhe projetou novamente, com toda a força. A gratidão de quem presenciou, ou pelo menos entende o valor das Copas de 1958 e 1962, são a verdadeira fonte das lembranças marcadas pelo craque na história do esporte no país.

“As pessoas esquecem. As pessoas só gostam da gente quando está fazendo gol”, reclama o ex-ponta direita Manoelzinho. O ex-goleiro Paulo Vitor reforça: “Infelizmente a memória do torcedor brasileiro é isso. Você não valoriza seus ídolos”. Para descobrir que Garrincha passou por ali, há de se entrar nas casas das pessoas, consultar álbuns de fotografias e papear por algumas horas. Sem as testemunhas, a

cidade perde completamente os vestígios do acontecido.

***A morte fez do amistoso natalino um acaso. A opinião pública, descaso. Do último jogo sobraram memórias espalhadas que continuam a se perder com os anos.*** Na opinião do técnico do Londrina, o verdadeiro Estádio Mané Garrincha deveria estar em Planaltina, não em Brasília. “Não tem nada a ver, o último jogo dele foi aqui, uai!”, reclama. “Não tem uma placa dizendo que ele fez o último jogo, não tem nada. Acho que o pessoal vacilou com isso”. Silenciosa como a bebida que o matou, a despedida de campo completou 30 anos na cidade que presenciou o adeus de perto. 

12



VIDAS NA

# ESCURIDÃO

Em casas com o reboco à mostra, apenas a luz do candeeiro rompe o breu da noite no sertão do Piauí. O cenário pode parecer um Brasil de 50 anos atrás, mas este país no passado é, na verdade, o presente de mais de 3,3 milhões de brasileiros que ainda não têm acesso à energia elétrica

Texto | Bárbara Ferreira e Maryna Lacerda  
Fotos | Alexandre Bastos  
Diagramação e arte | Alysson Rodrigues



## O BÊ-A-BÁ DO SERTÃO

Sem chover, sem colher  
Sem comer, sem lazer  
O bê-a-bá do Brasil  
(Elba Ramalho)



Sem luz em casa, Edimirles já queimou os cabelos ao fazer a lição, à luz de candeeiro

Com uma lanterna apoiada entre o queixo e o pescoço e a mão cheia de lápis de colorir, a pequena Edimirles de Souza Alencar, 8 anos, se equilibra, concentrada no dever de casa. A luz fraca não é problema para a menina e a irmã, Emylly, 7. Ao contrário, o uso do objeto foi a única alternativa encontrada pela mãe, Edineuda Cipriana de Souza, para que as duas crianças cumprissem com a obrigação escolar. A preocupação só surge quando a luz começa oscilar. Quando as pilhas acabam, o único jeito é acender o candeeiro. Os cabelos esturricados sobre a testa das meninas delatam os motivos da preocupação materna. Distraídas e muito próximas ao fogo, elas acabam queimando os fios.

As tomadas colocadas na parede de Edineuda enganam a quem chega. Aos 25 anos de idade, ela nunca teve em casa uma lâmpada acesa. Em julho de 2012, ela e o marido, o lavrador Antônio Alencar, 41, viram os primeiros postes serem erguidos na porta da residência onde moram, na localidade de Sussuarana, zona rural do município de Capitão Gervásio Oliveira, no sertão do Piauí.

Com os postes vieram três tomadas, três interruptores, instalados pelo governo. Desde que as lâmpadas foram colocadas na casa, dona Edineuda incorporou um novo hábito à rotina. Não há um dia em que, ao acordar, religiosamente às 5h, ela não teste os interruptores. “Mas nunca chega”, lamenta.

A família de Edineuda faz parte de um universo de 3,3 milhões de brasileiros que vivem na escuridão em plena era digital, segundo levantamento da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) divulgado em dezembro de 2012. Em tempos de tevê de LED e *tablets*, a reportagem foi em busca de pessoas para quem um radinho de pilha é o único eletrodoméstico da casa. Para isso, foram percorridos quatro municípios piauienses que estão entre as situações mais extremas do país

O Piauí de Edineuda é um dos locais onde o problema se mostra mais grave. Em todo o estado são cerca de 90 mil pessoas sem luz, o equivalente a 6,9% da população, segundo dados do Censo 2010 e do Ministério de Minas e Energia (MME). Entre as dez cidades com maior percentual de residências sem energia elétrica apontadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o estado ocupa seis posições no ranking: Capitão Gervásio Oliveira, Coronel José Dias, São Lourenço do Piauí, Dirceu Arcoverde, Dom Inocêncio e Sebastião Barros (veja quadro).

No ranking por estado, a unidade federativa só fica atrás de Roraima (7,83%) e do Pará (7,44%). Os percentuais observados nestas regiões assustam quando comparados com locais em que, sem energia, nada funciona. Em São Paulo, o grande polo industrial do país, apenas 0,12% das residências não têm luz. No Distrito Federal o número é ainda menor, 0,09%.

Sem geladeira nem freezer, Catarina Dias, 77 anos, moradora da localidade Lagoa do Perdido, em São João do Piauí, encontrou alternativas para conservar legumes e verduras. Ela mergulha os alimentos em um copo d'água para evitar que murchem ou sequem com o calor abafado daquelas terras. “Isso eu faço com alface, com jiló. Com outros alimentos, não dá. Aí eu deixo de comprar”, diz.

A água de beber, o filho de Catarina, Gilmar Bruno Dias, 40 anos, tira do fundo do chão de areia e cascalho do sertão. São 120m de poço artesiano, 40m de água. Como não tem bomba, o recurso é puxar a água com a força dos braços mesmo. Gilmar roda uma manivela de quase um metro de diâmetro para descer o balde.

A rede de alta tensão que atravessa no quintal faz Catarina suspirar. Pelos fios passa a energia de potência elevada, transmitida das usinas para as subestações, onde são rebaixadas para consumo doméstico. Com a esperança no fundo do olhar, Catarina ainda crê que a energia elétrica chegará. “Eu tenho essa fé. Só não sei se ainda vou estar viva”, resigna-se.

Criado há dez anos para tentar resolver situações como a de Catarina, o programa Luz para Todos, do governo federal, deixa de fora ainda muitas famílias que moram em áreas de difícil acesso ou em pequenos núcleos populacionais. Não à toa, a previsão de conclusão do projeto já foi adiada por duas vezes. Agora, o novo prazo estipulado pelo MME é 2014.



Acima, Catarina tem esperança de que a energia chegue: “Só não sei se ainda vou estar viva”

### De luzes apagadas

Censo de 2010 mostra que o Norte e Nordeste ainda escondem as situações mais críticas do país

Municípios	População sem energia (%)
1º Uiramutã (RR)	70,78
2º Dom Inocêncio (PI)	55,34
3º Jordão (AC)	55,18
4º Cap. Gervásio Oliveira (PI)	54,37
5º São Lourenço do Piauí (PI)	54,05
6º Cel. José Dias (PI)	52,27
7º Dirceu Arcoverde (PI)	50,43
8º Sebastião Barros (PI)	49,72
9º Amajari (RR)	47,49
10º Marajá do Sena (MA)	44,97

Fonte: IBGE

Especialistas da área, no entanto, não acreditam que dois anos serão suficientes para se atingir a meta. O próprio gestor do Luz para Todos no Piauí, Júlio Rodrigues, explica que novas pessoas sem energia elétrica são descobertas à medida que o programa adentra o país. “Quando chegamos para fazer uma obra, nos deparamos com mais gente do que o previsto. A notícia de que a energia vai chegar em uma região funciona como atrativo”, afirma.

Até o início de 2012, por exemplo, os números do Censo de 2010 utilizados pelo MME mostravam que existiam 2,5 milhões de brasileiros sem energia elétrica. Com o levantamento atualizado pela Aneel em dezembro de 2012, no entanto, esse número subiu para 3,3 milhões.

Enquanto a luz não chega para todos, os moradores da região se viram como podem. Em lugares onde há postes próximos, a gambiarra é bastante comum. A energia obtida de forma ilegal é utilizada mesmo quando chega em potência muito fraca nas casas.



A eletricidade que pode facilitar a rotina das famílias fez um dos filhos de Catarina morrer. Foi eletrocutado ao tentar fazer uma ligação clandestina em uma localidade próxima. Catarina sempre volta à história; conta seu lamento uma, duas, tantas vezes quanto as visitas estiverem dispostas a ouvir. Parece uma forma de assimilar a perda tão dolorosa.

Em horas assim, o alento de Catarina são as noites de lua cheia, espetáculo luxuoso para quem tem pouquíssimas posses. Sentada nas cadeiras de fios quase todos arreventados, ela assiste à subida da bola prateada até o ponto mais alto do horizonte. No coração da caatinga e ao som dos berros das cabras, o céu se torna claro como se fosse amanhecer. O cenário comprova o que canta Luiz Gonzaga: realmente não há luar como o do sertão. “Aqui a gente é feliz com o que tem. A vida é do tantinho que Deus dá”, poetiza.



#### A meio caminho

Atendida pelo Luz para Todos somente no ano passado, após mais de uma década da existência do programa, a região percorrida pela reportagem reúne muitas pessoas que, como dona Edineuda, de Capitão Gervásio Oliveira, têm já instalados os postes e interruptores em casa, mas ainda vivem à luz do candeeiro.

Responsável pela fiscalização das empresas licitadas para a instalação da infraestrutura elétrica em uma região composta por 65 cidades — incluindo Capitão Gervásio Oliveira — o diretor regional da Eletrobras, Geraldo Lima da Silva, explica que a demora ocorre porque, como é necessário desligar toda a região próxima para fazer a ligação de uma comunidade, a estatal espera a conclusão da infraestrutura no maior número possível de localidades para “energizá-las” todas de uma só vez. “Temos que ter uma logística de desligamento.”

Lima conta que, em 2011, 90% da zona rural de Capitão Gervásio Oliveira estava sem luz. “Hoje, esse número caiu para 20%, mas ainda existe muita gente sem energia”, afirma. O município é o que ocupa a pior posição do estado: terceiro lugar no ranking do IBGE.



Catarina e o filho Gilmar observam a rede de alta tensão em frente à casa em que moram. Ainda assim, eles nunca tiveram luz

Os dados divulgados pelo MME comprovam o que dizem os especialistas: as pessoas sem luz são encontradas em número muito maior do que o esperado. Para 2012, estavam previstas para o município 78 ligações (das casas à rede). Foram feitas, no entanto, 304 instalações e, ainda assim, é possível encontrar muitas pessoas sem previsão da chegada da energia elétrica.

A época da viagem, boa parte das obras estava parada: o contrato com a Premoldados Indústria e Comércio Ltda (Pincol), empresa licitada para levar a luz a várias cidades da região, havia acabado e outro grupo deveria assumir em breve.

A Pincol é a empresa que mais recebeu entre as licitadas para o Piauí. A quantia paga ultrapassa os R\$ 95 milhões, 22% de todo o dinheiro distribuído para o estado. Ainda assim, segundo levantamento feito pela Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (Chesf), faltam cerca de 300 residências a serem “energizadas” só em Capitão Gervásio Oliveira e mais de 50 mil em todo o estado.

Para levar energia aos locais, o MME divulgou que o programa Luz para Todos já investiu R\$ 20 bilhões, boa parte disso para o pagamento das empresas licitadas. A média mensal paga para as contratadas é de R\$ 13,6 milhões. Só no Piauí foram gastos, desde 2010, R\$ 433,6 milhões para levar luz ao estado.

Além da Eletrobras, participam do Luz para Todos o MME, a Aneel e as companhias energéticas estaduais. Cabe às duas últimas enviar ao ministério um levantamento das regiões sem energia. Também é de responsabilidade das companhias a elaboração de um estudo considerando o melhor custo-benefício. De acordo com a Aneel, a energia pode ser levada às comunidades de duas formas: através do sistema interligado, mais comum, por meio da instalação de postes; ou pelo sistema isolado, que utiliza geradores para levar luz até áreas de difícil acesso.

Com o crivo do MME, o projeto vai à licitação e uma empresa é escolhida para realizar as obras, fiscalizadas pela Eletrobras. O papel de fiscalização também cabe à Aneel, que é responsável pela garantia do cumprimento das metas no prazo. “Não é comum que os locais tenham 100% das casas com energia elétrica, mas existe uma meta mínima a ser cumprida, sob risco de multa de 2% do faturamento”, explica o especialista em regulação da Aneel Orlando Gomes Filho.

**QUE BRASEIRO,  
QUE FORNALHA**

Nem um pé de plantação  
Por falta d'água perdi meu gado  
Morreu de sede meu alazão

*(Lulz Gonzaga)*

O menor barulho de carro faz Celsineira Alencar de Barros, 26 anos, correr até a porta de casa. Com a pequena Siangue, de um ano, no colo ela espera até que o veículo termine o trajeto pela estrada de areia e cascalho que liga Capitão Gervásio Oliveira à localidade de Sussuarana, passando em frente à residência que, pintada de um alaranjado forte, enfeita o sertão que já não vê outras cores que não a dos galhos secos e cactos que resistem, incansáveis, ao sol que não dá trégua. Até o momento, no entanto, Celsineira só teve decepções. Os carros nunca trouxeram o fiscal da Eletrobras necessário, segundo os trabalhadores que deixaram a obra pronta, para “liberar” a energia. “A gente fica ansioso para eles ligarem logo a luz.”

Sentado à porta da residência, o marido da dona de casa, Alfredo Alencar Neto, 47, o Jota, olha com desconfiança os postes erguidos há não mais de quatro meses. “Já derrubaram e ergueram esses aí várias vezes.”

Para a família do lavrador, na casa cravada no meio da caatinga e a quem a seca, que se estende há dois anos na região, já maltratou bastante a criação de gado e caprinos, a luz elétrica promete mudar a vida. “Carne, a gente bota no sol, verdura a gente compra para usar só no dia. Bom mesmo vai ser beber água gelada”, sonha Celsineira.

O copo de água gelada não é objeto de desejo apenas da esposa de Jota. Entre os entrevistados, o item não deixou de ser mencionado uma única vez. Há dois anos sem “inverno”, termo dado pela população local para a época das chuvas, os moradores do sertão piauiense convivem com um sol escaldante e com um calor que, em dias de céu nublado, marca no termômetro 35°C.

Nessa parte do Brasil só há, segundo a população local, duas estações do ano: o inverno, de outubro a janeiro, e o verão, que toma os demais meses. A menor nuvem negra no céu enche de esperança o coração dos sertanejos, na expectativa da anúncio da temporada de chuvas que, nos últimos anos, teima em não acontecer.

A violência da estiagem vivida pelos sertanejos nos últimos tempos pelos sertanejos, considerada a pior dos últimos 40 anos, seca, de fato, a vida dos moradores e redobra a agonia diante da demora da chegada da energia elétrica. “Já pensou ter uma bomba para puxar a água do poço, minha filha?”, sonha Leonice Ribeiro, 54. Na localidade de Lagoa da Bonita, próxima a São Lourenço do Piauí, os açudes e riachos não veem água há vários meses.



Com postes e tomadas instalados, Celsineira, Siangue e Jota aguardam a luz

Os poços, distribuídos pelas localidades, são utilizados com dificuldade, por meio de manivelas ou motores a óleo diesel. Os moradores contam com a chegada da eletricidade para conseguir retirar a água do poço utilizando pequenos motores. “O Nordeste tem uma história muito bonita e muito triste. Nessas épocas, quando morre cinco, dez animais, de sede, não é muito, não. Prejuízo é quando morre tudo”, narra Leonice.

O município de São Lourenço ocupa a quinta posição no ranking elaborado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, com 54,05% dos domicílios sem energia elétrica (dados de 2010). De acordo com a assessoria de imprensa do Ministério de Minas e Energia, no entanto, das 407 casas que precisariam ser ligadas, 387 já foram atendidas.

**TEMPO DURO**

Oh tempo duro no ambiente  
Oh tempo escuro na memória  
(Dominguinhos)

A falta que a energia elétrica faz na casa de Luiza da Silva Mata, 55 anos, vai além da água gelada para refrescar o calor ou da televisão para assistir ao *Jornal Nacional*. Para a moradora da localidade São José, em São João do Piauí, a maior carência é estar exposta a toda sorte de insetos venenosos. Quando a noite cai, lacraias, besouros e aranhas percorrem paredes e móveis da casa. Se o caçula de seus oito filhos chora no berço, ela se levanta no ato. “Já fico pensando que é algum bicho que está na cama dele. Daí eu bato a mão na parede para me levantar e acerto uma lacraia deste tamanho”, diz, mostrando o comprimento de mais ou menos 15cm das desagradáveis visitas. Na casa, todo mundo já foi picado. “Se tivesse luz, a gente veria onde colocar a mão e não acertaria os bichos”, afirma.

A situação, de fato, poderia ser diferente. Linhas de energia chegaram a ser colocadas na porta da residência da família, mas foram retiradas por funcionários da prefeitura a mando do chefe do executivo local, segundo o marido de Luiza, Dico Mata, 57 anos. “Colocaram a fiação e, uma semana depois, tiraram”, lembra.

O especialista em regulação da Aneel Wellington Andrade Santos, explica que a pulverização das populações nas regiões Norte e Nordeste do país é uma barreira à universalização da chegada da energia. Por terem baixa densidade demográfica, povoados como os citados acabam não sendo atendidos pelo governo. “São povoados muito pequenos espalhados por um território extenso”, afirma. “O governo peca porque a ramificação é muito grande. Às vezes, se torna inviável levar serviços básicos para esses locais porque é muito caro. Se não for rentável, nenhuma empresa vai querer entrar no processo licitatório”, completa.

A interferência política que negou acesso à energia elétrica aos Mata, há 12 anos, ainda hoje pode ser a explicação para que não tenham nem sequer recebido a visita dos cadastradores do Luz para Todos. Com o levantamento feito pelas companhias energéticas em mãos, as empresas licitadas enviam às regiões funcionários para identificar quantos domicílios rurais ainda estão, de fato, sem o serviço.

O diretor local da Eletrobras, Geraldo Lima da Silva, explica que, nestes casos, os cadastradores costumam ser guiados por representantes da própria prefeitura dos municípios. “Se alguém da prefeitura recebe a ordem de algum político para não levar o cadastrador a determinada localidade, não leva. O funcionário enviado não fica sabendo e as famílias continuam sem energia”, explica. Os domicílios deixados de fora da contagem são chamados pelos técnicos da Eletrobras de “casas desgarradas”. Elas não têm energia elétrica, mas ficam próximas de onde há rede.

Uma das maiores cidades da região, São João do Piauí não foi identificada como um dos municípios em estado crítico, mas os moradores que não possuem energia elétrica nas redondezas parecem ter sido esquecidos pelo Luz para Todos: das 519 ligações previstas, apenas 33 haviam sido feitas até novembro de 2012, segundo documento da Eletrobras Distribuição Piauí, antiga Companhia Energética do Piauí (Cepisa). Isso corresponde a apenas 6,35% da meta estabelecida. Das 486 casas que ainda não participam do programa, o gestor da Eletrobras Distribuição na cidade estima que a maioria seja “desgarrada”.





**E O SERTÃO COM ALEGRIA  
VAI DESPEDINDO  
A ESCURIDÃO**

Sai o caboclo levando  
ao ombro o enxadão  
Vai pra roça donde ele  
tira o ganha-pão  
*(Lutz Gonzaga)*

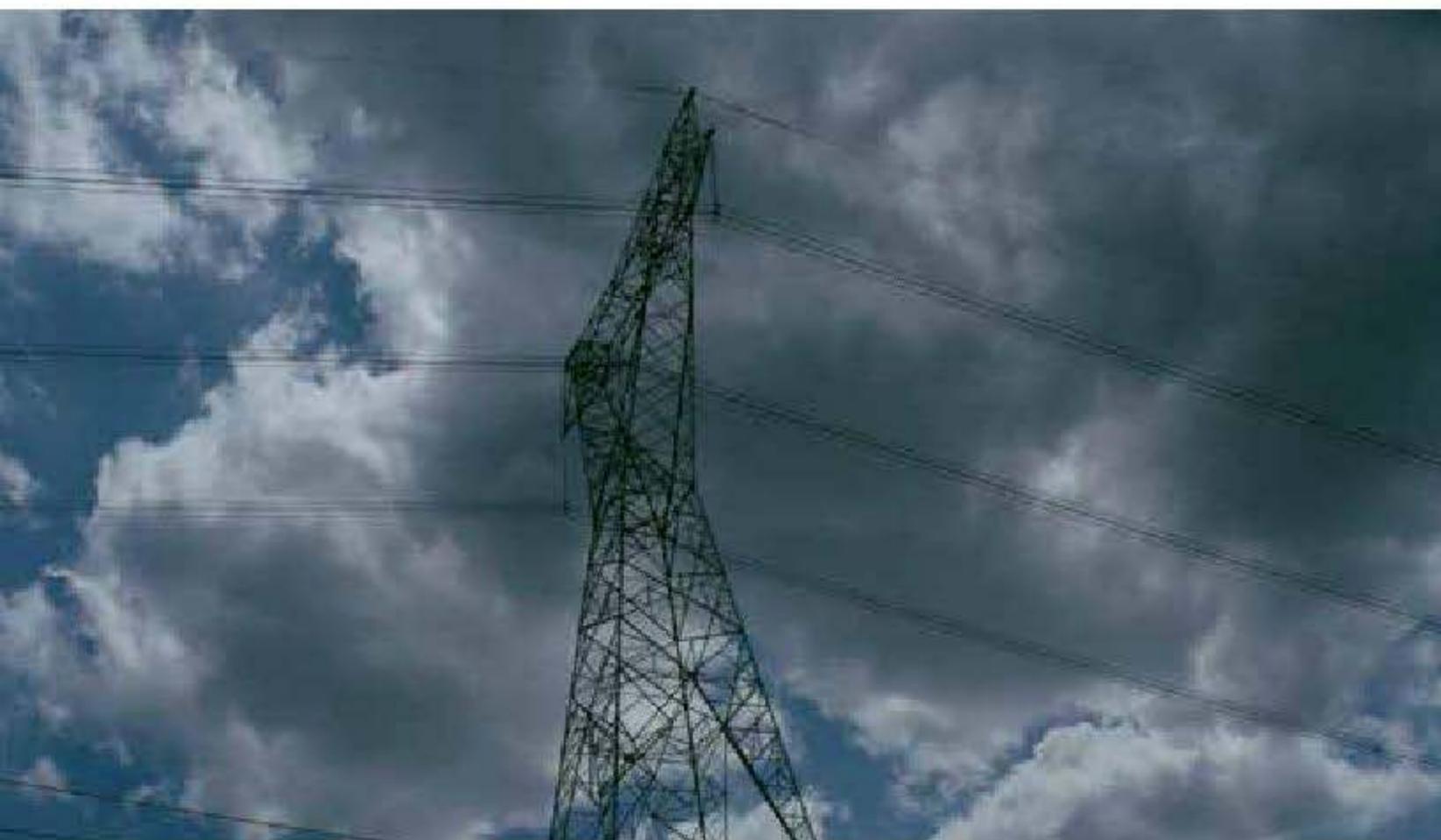


Entre a mobília velha e escassa disposta na casa de taipa, uma geladeira nova, ainda embalada em plástico e isopor, destoa do cenário empoeirado dos móveis desgastados. O eletrodoméstico não é o primeiro comprado por Edith Maria de Santana Santos, 67 anos. Há quase uma década esperando pela instalação da energia elétrica na localidade de Maquiné, município de Coronel José Dias, a senhora se deixou convencer pelas promessas de políticos regionais e, cheia de esperanças, adquiriu, há oito anos, uma geladeira e um ventilador. Sem tomadas para ligar os equipamentos, no entanto, ela viu os aparelhos que comprou envelhecerem sob os cuidados de outros. “Não dava para usar, aí eu emprestei para uns amigos que moram na cidade. Agora ela já está velha.”

Como a promessa é de que, desta vez, o serviço vem mesmo, ela já tem um novo exemplar para chamar de seu. O produto, comprado a duras penas com as economias reunidas por anos a fio, fruto do salário mínimo recebido pela aposentadoria rural, no entanto, não tem data para entrar em funcionamento. Lentamente, Edith vê os povoados próximos receberem luz, mas os tratores que abrem caminho pela caatinga para a instalação dos postes nunca passaram pela casa da senhora. A situação, infelizmente, é comum na região. O município de Coronel José Dias tem 52% da população sem energia elétrica, o que o coloca no sexto lugar no ranking do IBGE.

A expectativa da chegada da energia elétrica, contudo, enche de expectativa não só Edith, mas todo o povo do sertão. A instalação dos postes movimentou o comércio das cidades que veem a zona rural receber a luz. Nas casas ainda no escuro também não é incomum encontrar eletrodomésticos novos. Em Capitão Gervásio Oliveira, o vendedor da Credinorte Móveis, Jeremias Amorim, conta que, com a chegada do Luz para Todos na região, as vendas cresceram 70%, não só para os moradores que receberam a luz elétrica, mas também pelos que aguardam o benefício.

No estabelecimento, Amorim afirma que geladeira, liquidificador e ventilador são os itens com mais saída. “Quando começaram a instalar os postes chegamos a vender entre dez e 15 geladeiras por mês.” Clécio Coelho Albuquerque, 44, dono da CG Construções, viu a venda de lâmpadas desabar. “Antes vendia todo mês, agora já faz uns três meses que não sai nenhum”. O novo objeto de desejo dos consumidores de Coelho são as lanternas recarregáveis. “Tem saído de 18 a 20 dessas lanternas por mês.”



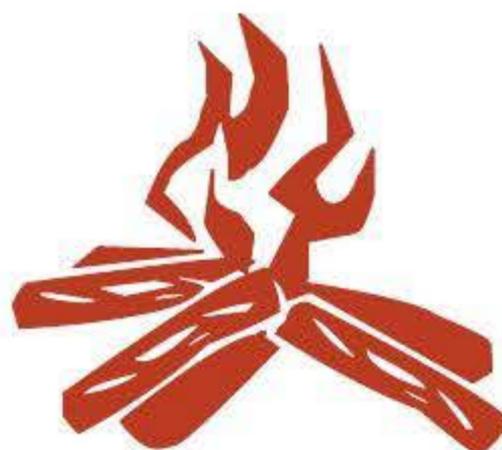
Enquanto a luz não ilumina todo o sertão, o Mercadinho Lopes, na localidade de Riachinho da Salgada, em São Lourenço do Piauí, lucra com a venda de latas de óleo e velas. São, em média, 20 litros de óleo e cerca de 280 velas por mês, calcula o dono, Bartolomeu Lopes. A outra opção é ir ao posto de gasolina em São Lourenço, onde são vendidos outros cerca de 50 litros de óleo por mês para as famílias da zona rural.

A não mais de dois quilômetros de distância da vendinha, na localidade de Magrém, Ermídio de Santana Lopes, 60, já garantiu sua geladeira mesmo sem saber quando a energia começará a passar pelos cabos instalados em frente a casa. “A mulher botou a geladeira aí para dentro. Disse que quando chegar a luz vamos poder tomar uma água gelada, matar um bode e resfriar os pedaços”, afirma.

Quando a mesa é farta, Ermídio serve para a família carne de bode ou tatu, seca no sol. No quintal das casas é comum ver a carcaça dos animais dependurada nos varais. No chão, escalpos inteiros com chifres, patas e cascos. Muito pouco da carne dependurada para secar, no entanto, é de fato aproveitada. Grande parte apodrece e enche de larvas, consequência das moscas que circulam em volta da carne seca.

Ele conta que estava desacreditado da energia elétrica, tantas as promessas que foram feitas por políticos regionais. “Eu nem acreditava mais, até ver o trator abrindo espaço para instalar os postes.” Com a visão bastante prejudicada pela catarata, Ermídio quer se livrar logo do candeeiro. “A fumaça faz mal para minha vista. Quero só tacar a mão no botão e ter energia.”

A combustão do óleo diesel também escurece a vista direita de Edith. O olho esquerdo é cego por causa da catarata. A visão reduzida é ainda mais prejudicada pela fumaça do candeeiro. Tanto que quase faz Edith chorar. “As vistas ficam cheias de lágrima. Por isso, tive que adotar o colírio”, explica. Para evitar o incômodo gerado pela combustão do óleo, Edith ilumina os quartos com vela. O candeeiro fica só para as áreas externas. “Ele até ilumina mais, mas uso a vela para a fumaça não entrar nas vistas”, explica.





Moradora de Coronel José Dias, Edith é parte dos 52% de habitantes do município sem energia elétrica

### Facilidade móvel

Faltam geladeira, tevê e ventilador; mas celular não falta, não. Lindomar Caminho da Paixão, 23, conta que seria bom ter energia elétrica para assistir ao jornal, mas melhor ainda para carregar o telefone móvel. O homem de nome poético tem que andar muito se quiser realimentar a bateria do aparelho. Da localidade Baixa do Sítio, onde mora, até a do Gato são seis quilômetros pela estrada de chão batido. Na comunidade vizinha há uma venda em que o dono empresta as tomadas àqueles que não as têm em casa. Pelo empréstimo, não cobra nada. Prefere lucrar com o comércio de cartões pré-pagos.

A renda da família é fruto de uma minguada plantação de feijão e de um pequeno comércio. Na varanda da residência há uma mesa de sinuca e alguns tamboretos forrados com couro de vaca. Eles têm um bar, onde vendem fichas para o jogo e doses de pinga. “A gente não vende cerveja porque não tem energia nem freezer para gelar”, explica.

Se no orçamento da família não aparece nenhum gasto extra, eles compram as oito pilhas, por mês, para o radinho com que o homem se levanta todos os dias. Ainda com o céu escuro, Caminho da Paixão segue rumo à pequena lavoura de feijão, aos fundos da casa, a praticamente morta pela seca. Mas ele só para de trabalhar com o sol a pino, para almoçar e ouvir o jornal das 12h no aparelho.



Lindomar anda seis quilômetros no lombo do jumento para carregar o celular



### SALVE A MARAVILHA ELETRÔNICA

Que já resolveu a fome crônica  
Mares de antenas de TV pelo país  
(Luiz Gonzaga)

Aos 69 anos, Matilde Maria Damasceno de Souza se recorda bem do primeiro programa de televisão que viu na vida. “Foi em São Paulo.” Ela estava com 19 anos quando chegou à capital paulista, onde ficou por quatro décadas. Dona de uma memória impecável, ela relembra das primeiras cenas do filme cristão que contava a vida de Cristo e marcou seu primeiro momento diante da tecnologia que, no interior do Piauí, na localidade de Chapada da Colônia, passou duas décadas sem conhecer. “Chorei durante todo o filme, aquilo ali para mim era de verdade.”

Desde então, Matilde e José Damasceno de Souza, 72, com quem se casou em 1963, nunca mais se abstiveram do meio de comunicação. De volta à terra natal 40 anos depois com a televisão a tiracolo, ela encontrou a pequena Chapada da Colônia, uma localidade do município de Capitão Gervásio Oliveira, ainda esquecida pela modernidade. “Quando voltamos não tinha luz. Eu até que não me importava com a velinha à noite, só achava ruim a falta da TV.”

Disposto a não perder nenhum capítulo do *Jornal Nacional*, assistido, até hoje, religiosamente, Damasceno não pensou duas vezes: comprou um pequeno gerador movido à gasolina. “Era o único na região. A casa enchia de gente na hora da novela, não tinha lugar nem para sentar”, relembra, achando graça, Matilde. “A gente assistia o jornal e a novela e aí tinha que desligar o gerador porque senão acabava a gasolina”, completa o marido.

A apenas alguns quilômetros da casa de Matilde, na localidade de Sussuarana, José Dedício Alencar, 50, tem em casa as únicas lâmpadas ligadas da região. Cansado de esperar pela energia elétrica, ele optou por uma placa fotovoltaica, uma estrutura que capta, no telhado da casa, luz solar e permite a ele ter quatro lâmpadas de 12w. Na sala, o dono do único comércio do local – uma vendinha que oferece óleo e alguns cereais –, ostenta duas televisões velhas, ligadas diariamente “na hora do jornal”. “A gente já mora aqui nesse fim de mundo, imagina só se ainda não souber de nada”, diz ele.





Antes da chegada da rede elétrica, a tevê de Matilde e José era ligada a um gerador

A tevê, no entanto, aguenta pouco tempo: a energia captada pelas placas é muito fraca e logo o aparelho desliga. Na cozinha, a geladeira nova também não pode ser ligada por demandar grande potência. Mesmo com a luz oscilante, no entanto, ele não abre mão da televisão. Antes da placa fotovoltaica já usada, adquirida por R\$ 1,2 mil, ele ligava o aparelho à bateria do carro para garantir o jornal e a novela para as três filhas que moram no local.

Apesar de ter em casa facilidades que os vizinhos não têm, por meio da energia gerada pela placa, José aguarda ansioso a chegada da eletricidade. “Com uma geladeira vamos poder ampliar o comércio aqui”, almeja. “A gente só não pode parar de sonhar.”

#### **Fatura alta**

Na localidade de Matilde e José Damasceno, a energia elétrica chegou recentemente: no dia 21 de junho, segundo a memória matemática de Matilde. “Foi uma das melhores coisas que aconteceram aqui.” O problema agora está na conta de energia, que antes não fazia parte do orçamento do casal e teve que ser encaixada. As tarifas, em média, custam em torno de R\$ 80, segundo Damasceno. Ele relata que em julho, logo depois da instalação da rede de energia, ligaram o freezer para realizar o casamento da filha, Dulce. Quando a fatura chegou, veio o susto: R\$ 190. “Tivemos que apertar para pagar.”





### Incerteza

O casal Lourenço de Santana Lopes, 56, e Gilberta Santos Lopes, 53, sabe que a energia tem potencial para mudar a vida no sertão. Convive também com a certeza de que as condições pobres, de quem se sustenta pela roça já seca e pela criação magra de cabras, não deve permitir que a vida vá muito além. “A gente mora aqui meio solitário, quando puder comprar uma televisão para assistir jornal e as missas vai ser bom demais”, almeja Gilberta. Ciente da realidade difícil, Lourenço questiona o sonho da mulher. “Não sei quando eu vou ter dinheiro para comprar geladeira e televisão, não. Nem sei se essa energia vai ser boa mesmo”, afirma.

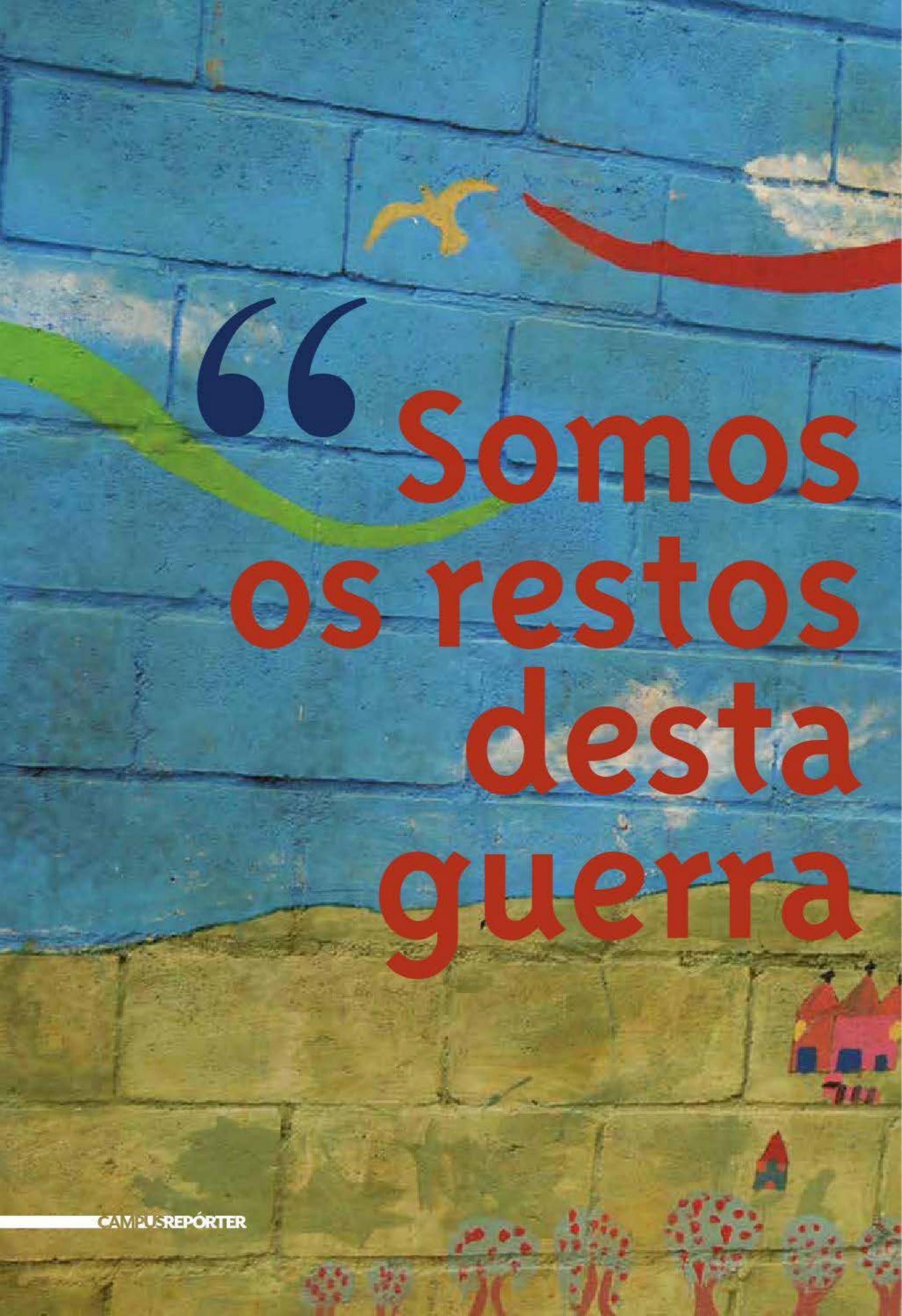
Morador da localidade de Magrém, próxima a São Lourenço do Piauí, o casal foi um dos atendidos pelo programa Luz para Todos mas ainda aguarda a ligação da rede, com as velas acesas. Após anos à luz dos candeeiros, Gilberta tem uma explicação pouco romântica para ter trocado o aparato pelas velas. “O candeeiro solta uma fumaça preta. Se você compra uma cortininha branca, amanhece tudo preto no outro dia”. Ela conta que consome três pacotes de oito velas cada por mês. “Dava para usar menos, mas a mamãe agora mora comigo. Ela não consegue dormir sem uma luz acesa”, explica Gilberta.

A incerteza não ronda a cabeça só de Lourenço. Quando questionada sobre o que pretende adquirir quando da chegada da energia, a mesma Leonice que viu, com a seca, muitos de seus animais morrerem em São Lourenço do Piauí e o sustento da casa minguar, responde com uma descrença triste, de quem sabe que a vida é dura para quem o básico ganha contornos de luxo. “A energia vai chegar no tempo mais triste. Se tivesse chegado numa época boa, a gente tinha um dinheirinho para comprar umas coisinhas”, lamenta. “Para te falar a verdade, nem sei se essa energia vai fazer tanta diferença assim agora”.

Como quem desconfia da ação dos homens, Lourenço se apega à fé para explicar seu descrédito. “Luz, aqui, só a que Deus dá”, sentencia. Já Gilberta, Matilde, José Damasceno e todos os outros guardam a esperança ao lado da incerteza, no fundo do peito. A religiosidade pungente da região os faz equiparar a chegada da rede elétrica a milagres. Questionados se acreditam que vão ser atendidos pelo programa, eles lançam aos céus a responsabilidade.

**“Se Deus quiser, sim.”**





“Somos  
os restos  
desta  
guerra



”

**Histórias de mulheres colombianas que tiveram que recomeçar a vida longe de casa para sobreviver ao conflito armado interno no país**

Texto e fotos | Livia Mota  
Diagramação | Juliana Ciarlini e Leonardo Vieira



“

**P**arecia o juízo final. Às nove da noite explodiu o primeiro, e depois seguiu 'pau', 'pau'. A terra tremia com as explosões dos cilindros de gás. Foram raros os que não morreram. A guerrilha colocou os cilindros para acabar com a polícia, e acabou com toda a cidade.” Ana Cecilia Reyes, 64 anos, vivia em uma região rural perto da cidade de Miraflores, no departamento de Guaviare, na Colômbia. Era camponesa, tinha uma fazenda com cerca de 900 hectares, onde cultivava grãos e folha de coca. Um dia, como de costume, foi até a cidade vender os produtos da fazenda. Foi quando a guerrilha invadiu Miraflores, em 1998.

A Colômbia enfrenta, há 59 anos, um conflito armado interno. Desde meados da década de 1960, quando todo o mundo vivia sob a tensão da Guerra Fria, e quando diversas ditaduras se instalavam em países da América Latina, guerrilheiros colombianos, exército e outros grupos armados ilegais disputam a posse de terras e o controle de algumas regiões do país.

Inicialmente, os grupos de guerrilha reivindicavam a reforma agrária, o fim dos latifúndios e a descentralização da propriedade das terras. O governo colombiano, sob forte influência dos Estados Unidos e do regime capitalista, tentava impedir o avanço das tropas guerrilheiras e a disseminação dos ideais comunistas. Os confrontos entre essas duas forças ainda eram atravessados pelos narcotraficantes colombianos. Cientes do posicionamento estratégico da Colômbia na rota do tráfico, eles também entravam na disputa pelas terras e pelo controle da região.

É difícil precisar o número de vítimas da violência gerada pelo conflito. Mais de 600 mil pessoas já teriam morrido ao longo desses quase 60 anos, de acordo com dados divulgados pelo governo colombiano em setembro de 2012. Dentre elas, muitos civis que viviam nas zonas de conflito.

Foi o caso dos filhos de Ana Cecília. Todos os filhos, dentre eles um tenente do exército, morreram em decorrência do conflito. “Dois militares, que já estão mortos, os dois. Sempre me criticaram porque criei filhos para a guerra, mas eu não sabia que um militar ia virar o dono da guerra. Eu, o que fiz, foi cultivar filhos para a guerra”, desabafa. Um, militar, foi assassinado pela guerrilha. Outros três, civis, morreram quando a guerrilha invadiu a cidade de Miraflores, na região de Guaviare, durante a explosão descrita por Ana Cecília. O último filho, tenente do exército, morreu durante um conflito com grupos armados ilegais.

Quem conseguiu escapar a tempo desta e de outras invasões lideradas por grupos armados ilegais foi obrigado a deixar a região, se deslocando para outras cidades dentro da própria Colômbia ou buscando abrigo em outros países. De acordo com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), aproximadamente 400 mil pessoas buscaram refúgio no exterior, e outras quatro milhões tiveram que se deslocar dentro do próprio país. A





“Isso é o que  
somos nesse  
conflito armado,  
os restos”

maioria delas, mulheres que perderam os companheiros no conflito e que são obrigadas a partirem para outras regiões, com os filhos, em busca de uma nova vida. De acordo com o Acnur, 80% da população de pessoas deslocadas são de mulheres e crianças.

Quando chegam à cidade, destino da maioria das pessoas deslocadas, se deparam com preconceito, mudança drástica no estilo de vida e total falta de suporte institucional. “Eu não sabia o que era um semáforo, não sabia que tinha essas luzes e que no vermelho tinha que parar”, conta Gladys Gallego, camponesa de 53 anos que foi deslocada do departamento de Chocó, região situada na costa do Pacífico e muito próxima à fronteira com o Panamá. “Onde vivíamos se instalou um conflito entre guerrilha, exército e paramilitares. Fui expulsa em um deslocamento massivo que aconteceu em 1996. Umas 1800 pessoas saíram junto comigo, fizemos uma travessia de quase um mês caminhando na mata.”

Gladys perdeu o marido e um irmão para o conflito e foi obrigada a se deslocar três vezes. De Chocó para Antioquia, região capitaneada pela metrópole Medellín, depois para Cartagena, e por fim para Bogotá. Foi em Antioquia que o marido de Gladys foi assassinado. “Eles (grupos armados ilegais) levavam caminhões cheios de homens. Pegavam à noite e levavam eles como se fossem animais na carroceria dos caminhões. Amarravam as mãos deles para trás, e jogavam eles em um buraco. Jogavam eles vivos lá dentro.”

Ela conta que mais de 80 homens na região morreram dessa mesma maneira, em uma estratégia dos grupos armados ilegais para tomar o controle por meio do terror e aniquilar a população que poderia oferecer

resistência. “Quantas viúvas e quantos órfãos esse conflito já deixou”, lamenta.

### Camponesa na cidade

As mulheres que ficam não escapam da violência. Sofrem agressões e frequentemente são estupradas. “Se passa a guerrilha e querem nos estuprar, eles fazem, porque são muitos e nós somos só uma família. Se passa o exército, faz a mesma coisa. E se passam os paramilitares, fazem o mesmo. Nós, as mulheres, somos os restos dessa guerra. Nossas filhas, mães, irmãs. Isso é o que somos nesse conflito armado, os restos.”

Gladys teve que se deslocar novamente após a morte do companheiro. Escolheu a cidade de Cartagena, no litoral do Pacífico. Montou um salão de beleza e um ateliê de pequenas costuras, as duas únicas coisas que ela havia aprendido a fazer no campo que atendiam às demandas das pessoas da cidade. Levou os quatro filhos, os netos e o pai, e de uma hora para outra se viu responsável por toda a família. Ela se converteu em uma *mujer cabeza de familia* (mulher chefe de família, em tradução livre).

Também por causa do conflito, um dos cinco irmãos de Gladys foi assassinado. Ela não quis, ou não soube, explicar em que circunstâncias o irmão foi vítima, mas sabe exatamente quem foi o responsável pelo assassinato. “Estão envolvidas pessoas de cargos altos, do governo estatal. Eu me reservo (de revelar) o nome, por segurança, mas foram pessoas de cargo alto, generais, que mandaram matar o meu irmão.” O irmão de Gladys morava na região costeira do Pacífico, zona considerada





de perigo elevado e com forte presença de narcotraficantes e paramilitares.

O crime gerou um processo e investigação que culminaram no terceiro deslocamento de Gladys. Testemunhas que estavam no momento do assassinato denunciaram os responsáveis. O pai de Gladys foi chamado a depor, e no dia em que voltou da capital Bogotá, onde foi prestar depoimento, a casa da família em Cartagena foi invadida. “Uns conhecidos me avisaram que eles estavam chegando. Entraram na minha casa à noite, e quebraram as portas. Eu só tive tempo de sair com meus filhos, netos e com meu pai. Me vi obrigada a vir para Bogotá.”

Chegando à cidade, Gladys se deparou com o preconceito por ser uma deslocada. Grande parte das pessoas deslocadas vai para as regiões metropolitanas por acreditarem que na cidade existem mais ofertas de emprego. Acreditam também que, estando perto das instituições governamentais, podem ser alcançadas por algum tipo de suporte institucional. Como não conseguem emprego, justamente por serem deslocadas e também por terem baixo nível de alfabetização, acabam muitas vezes morando nas ruas, ou em estruturas improvisadas com papelão e lonas.

Para sobreviverem, muitas vezes são obrigadas a procurar comida no lixo, ou restos de alimentos que seriam descartados pelas feiras e mercados. Muitos deslocados acabam entrando para a mendicância ou cometem pequenos delitos, em geral furtos e assaltos, ou acabam se envolvendo com o tráfico de drogas. “Os jovens deslocados aqui vivem em bairros marginais, onde se maneja a droga, onde é corredor da droga para o tráfico. Eles pagam 50 mil pesos (o equivalente a R\$ 50) para levar um pacote daqui até ali. Quando a pessoa não tem sequer o comer, ou o que dar de comer aos filhos ou às mães... a pessoa se arrisca. Se arrisca, os jovens se arriscam”, explica Gladys.

Em seu último deslocamento, Gladys chegou a uma região pobre, Soacha, cidade situada a cerca de 20 km do centro de Bogotá.

A primeira dificuldade foi encontrar um lugar para morar com toda a família. “A nós, mulheres camponesas, não nos ensinaram a planejar. As que menos temos filhos temos cinco ou seis.”

Os recursos são escassos, já que os empregos que as mulheres deslocadas conseguem geralmente são em atividades ligadas ao lar, como empregadas domésticas, faxineiras e babás. Todas essas atividades são muito mal remuneradas na Colômbia, que ainda carrega a tradição colonial, ainda mais forte que o Brasil, da cultura da escravidão moderna. “Não temos a garantia de trabalhar em uma empresa. O patrão paga o preço que ele quiser, e nós, como precisamos muito do dinheiro, temos que aceitar.”

Quando se lembra da vida em Chocó, Gladys fala da abundância da água, das matas recheadas de frutas, milho, algodão. Lembra-se das galinhas, das vacas e dos porcos que criava. De uma fartura de alimentos e recursos que ela nunca mais teve desde que se deslocou pela primeira vez. “Quando uma pessoa nasce e se cria um lugar, nenhum outro é igual. Mas estamos resignadas a viver aqui mesmo (na cidade), porque é melhor viver resignado do que voltar e morrer. Além disso, um dia desses uma amiga minha falou: ‘se voltamos para lá agora ninguém mais conhece a gente, quem morava lá com a gente já não existe. Ou morreram, ou foram para outro lugar.’ O lugar de Gladys não existe mais.

### Violência presente

A Colômbia é hoje a segunda maior economia da América do Sul, atrás apenas do Brasil. As principais fontes da renda no país são a exportação de café, cana-de-açúcar, carvão e a exploração de ouro e petróleo. Todas elas dependem da terra. Outra fonte de renda no país, essa, não oficial, é a plantação da coca e a produção e exportação da cocaína. Mesmo após a intervenção norte-americana em 2000, por meio do Plano Colômbia, o país ainda é o que mais produz a folha da coca, matéria-prima para a confecção da droga sintética. Os Estados Unidos são o país que mais consome cocaína no mundo, seguidos pelo Brasil.





*“... o número de vítimas de massacres, como o caso dos filhos de Ana Cecília, subiu 24% e o número de massacres aumentou quase 35%”*

O Plano Colômbia foi uma tática de atuação conjunta entre EUA e Colômbia sob o argumento de tentar impedir a chegada de drogas ao país norte-americano. Mais de sete bilhões de dólares foram investidos para tentar afastar os grupos guerrilheiros e os narcotraficantes das regiões ricas para o cultivo da coca, principalmente no sul do país e nas regiões do Pacífico, como Nariño e Chocó.

Apesar de a Colômbia ainda estar sob esse conflito e viver as consequências dessa disputa sangrenta até os dias de hoje, a comunidade internacional tem a falsa impressão de que o conflito armado interno colombiano é algo superado. Entretanto, o número de vítimas do conflito vem crescendo nos últimos três anos. Em 2011, o número de sequestros praticados por grupos armados ilegais subiu cerca de 21%, o número de vítimas de massacres, como o caso dos filhos de Ana Cecília, subiu 24% e o número de massacres aumentou quase 35%.

Atualmente, o perfil dos grupos armados ilegais ainda é o mesmo dos paramilitares, desmobilizados entre os anos 2003 e 2006, durante o mandato presidencial de Álvaro Uribe. Neste período, o governo colombiano iniciou uma política de combate e enfraquecimento dos grupos paramilitares que formavam as AUC (Autodefesas Unidas da Colômbia). Ao fim do processo, anunciaram a desmobilização de mais de 30 mil pessoas. Porém, segundo informa relatório da Human Rights Watch de 2010, o espaço criado com a desmobilização desses grupos paramilitares foi ocupado por outros grupos com características muito semelhantes, hoje chamados de bandas criminais (Bacrim).

Em 2009, os Bacrim já estavam presentes em 173 municípios colombianos (cerca de 15% do território da Colômbia), e em 24 dos 32 departamentos do país. De acordo com relatório<sup>18</sup> divulgado no início do ano pela

organização não governamental (ONG) Anistia Internacional, os grupos continuaram se expandido em 2012.

É da região de Nariño, afetada pelo plano Colômbia e hoje sob presença dos Bacrim, que a camponesa Aurora Casiera, de 42 anos, se deslocou com os dois filhos ainda pequenos. O mais velho tinha sete anos, e a caçula, três. Chegaram a um bairro marginal, El Oasis, que fica na divisa entre Bogotá e Soacha, cidade situada na periferia da capital colombiana. Aurora foi uma dessas mulheres que tiveram a oportunidade de se deslocar antes que algo mais grave acontecesse à sua família.

“Naquela região, nesse momento, tem um monte de... não sei se é a guerrilha, paramilitares ou o exército mesmo. Porque eles todos se vestem iguais, se camuflam. E aí eles começam a ver que nossos filhos estão ficando moços, moças, e já querem recrutá-los à força, ou estuprar as meninas. O que fazemos é sair correndo, para tentar salvar a família, mas a terra fica lá.”

Aurora teve que se deslocar duas vezes. Na primeira delas, a ameaça veio em forma de bilhete, maneira normalmente utilizada por grupos paramilitares. “Chegaram na porta e enfiaram um papelzinho por debaixo. O papelzinho dizia: ‘24 horas. Se em 24 horas não saírem, vão pagar as consequências.’ Então a gente teve que sair correndo com os dois filhos”.

Esse tipo de ameaça é comum aos camponeses que não aceitam pagar a vacuna, espécie de propina cobrada pelos grupos armados ilegais, sejam eles paramilitares ou de guerrilha. A propina é utilizada para manter as organizações ilegais, mas também serve como maneira de impor autoridade nos locais tomados por esses grupos. “Eles se firmaram mesmo há mais ou menos uns oito anos. Fazem o que querem, e todos têm que fazer o que eles dizem.”



### *Sem identidade*

Quando chegou a Soacha com os filhos e o marido, Aurora teve muita dificuldade para se adaptar. Primeiro devido à mudança drástica no clima, da região portenha de sol e calor para a capital cinzenta e sempre fria. Depois, por causa da falta de oportunidade para garantir a própria renda. Acostumada à lida no campo, os saberes que ela tinha não eram compatíveis com a demanda de serviços na cidade de concreto. Ela decidiu então voltar para a casa dos pais, na expectativa de reconstruir a vida. O casamento se perdeu em meio às dificuldades que a cidade impôs, e ela voltou a Tumaco (Nariño) apenas com os dois filhos e nenhuma economia.

Aurora tinha notícias de que o conflito já havia se acalmado na região onde a família vivia. Mas os atos dos grupos armados são imprevisíveis. Poucos meses após voltar de Soacha, ela teve que se deslocar novamente. “Já tinham matado um dos filhos do meu (ex) companheiro, e os próximos eram os meus. Então eu saí com o meus. Prefiro andar com uma mão na frente e outra atrás do que permitir que algo aconteça com eles.”

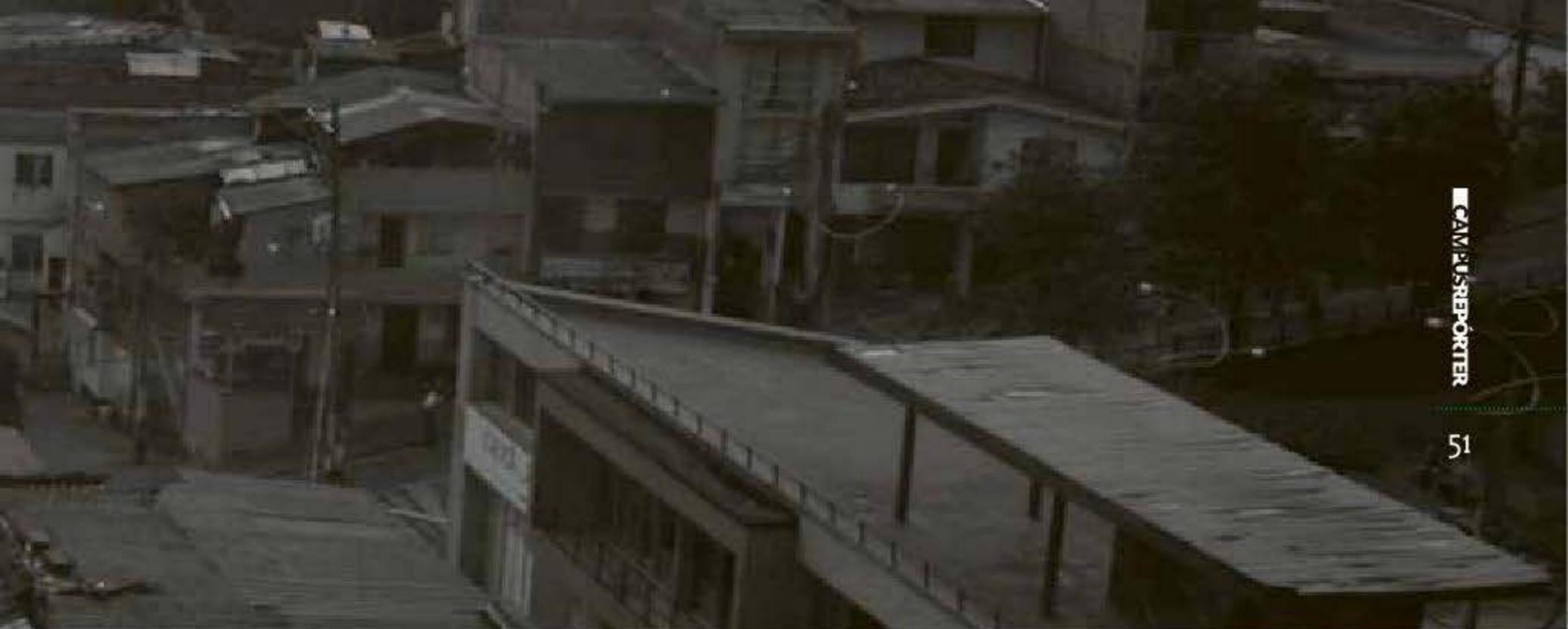
O segundo deslocamento de Aurora foi massivo, em grupo. Não tiveram tempo de pegar os documentos e conseguiram juntar poucas roupas na mala. Foram fazendo transbordos em pequenas lanchas desde a região de campo onde estavam até chegarem a Tumaco. “Não pudemos pegar nossos documentos. O pouco que pegamos foram duas mudas de roupa, uma bolsa e os filhos. O resto todo ficou lá.”

Os deslocamentos massivos são fugas em massa de civis motivadas pela disputa ou pela ocupação territorial de regiões rurais. São promovidos por todos os tipos

de grupos armados ilegais envolvidos no conflito, sejam de guerrilha, narcotraficantes ou paramilitares, e acontecem desde o final dos anos 80 e início dos anos 90. Apesar do notável esforço do governo colombiano para sustentar a versão de que o país superou o conflito interno, índices apresentados em relatórios recentes do Acnur (2011) e da ONG internacional Human Rights Watch (2010) apontam que os deslocamentos massivos, resultantes da pressão exercida pelos grupos armados irregulares, paramilitares e grupos guerrilheiros, cresceram em 2011. Entre janeiro e dezembro de 2011, mais de 140 mil pessoas foram deslocadas pelo conflito, contra quase 88 mil em 2010. Ainda de acordo com o Acnur, apenas no ano de 2012 foram registrados mais de 130 casos de deslocamentos massivos, quase o dobro da cifra registrada no ano anterior.

Não só o risco de morte, a preocupação também era com o recrutamento forçado dos filhos, e os abusos sexuais aos quais a filha, nessa época já adolescente, poderia ser submetida. “Eles começaram a dizer que os filhos de tal pessoa já estavam jovens, que as meninas estavam muito bonitas, que os rapazes estavam prontos para isso e aquilo, e já queriam levar eles”, explica Aurora.

O recrutamento forçado de crianças e jovens é um dos efeitos colaterais causados pelo conflito que atingem diretamente a população civil colombiana, principalmente a população camponesa. De acordo com o Ministério da Defesa da Colômbia, baseado em estatísticas da organização Human Rights Watch, cerca de 11 mil crianças atuam hoje em grupos de guerrilha. Outra estatística a respeito do recrutamento



de crianças e adolescentes aponta que mais de 18 mil atuam em grupos armados ilegais, sejam eles de guerrilha ou não, e em bandos criminosos (como se chamam atualmente os grupos antes denominados “paramilitares”). Ainda segundo o Ministério da Defesa da Colômbia, as crianças começam a ser recrutadas a partir dos sete anos de idade.

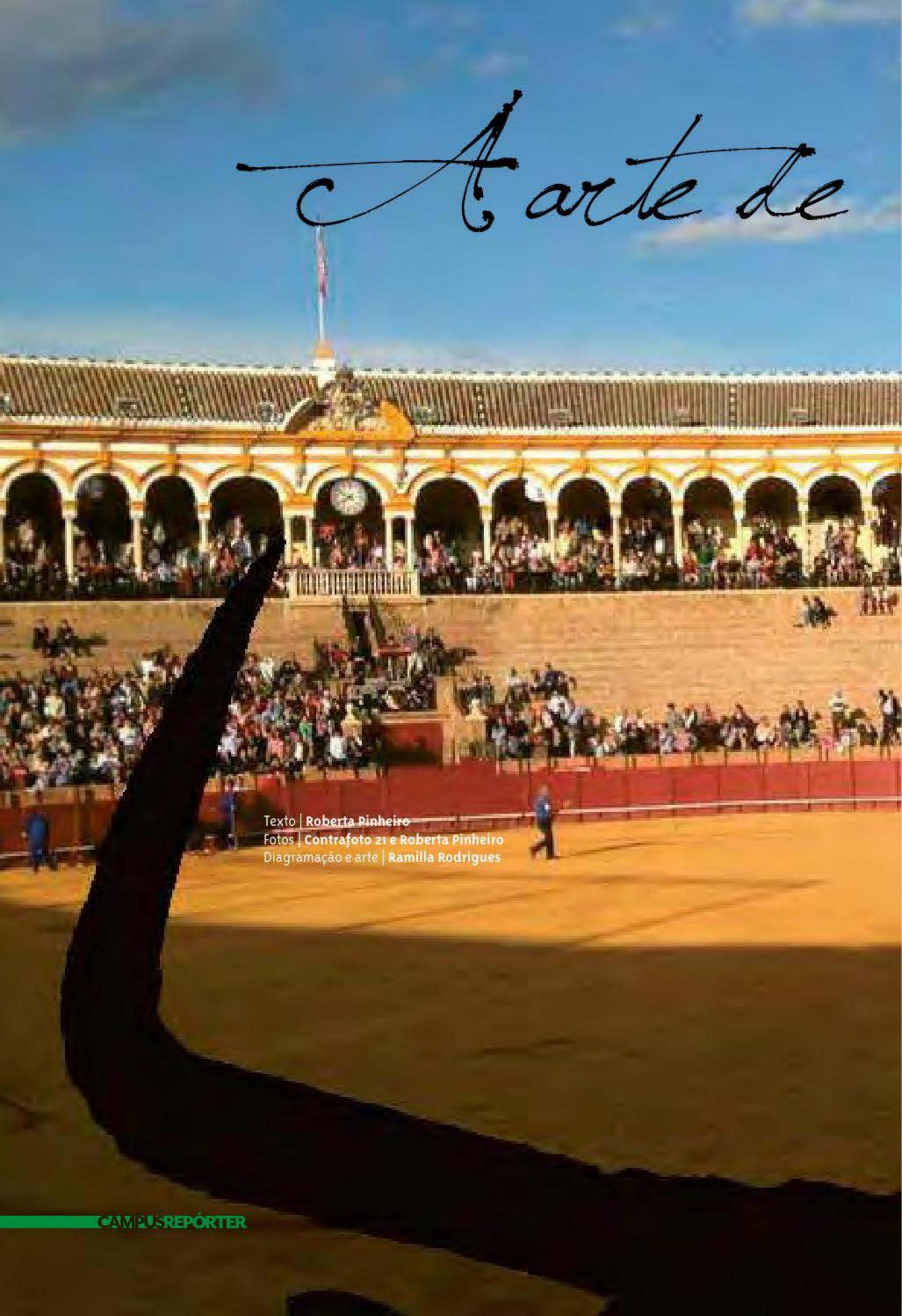
Para as mulheres, no caso meninas, o recrutamento forçado é ainda mais cruel. Grande parte delas, além de realizar as tarefas inerentes à própria estratégia do conflito, é sobrecarregada com outros tipos de funções, como cozinhar para o grupo e limpar as instalações dos grupos ilegais. Pior do que a sobrecarga, a maioria delas acaba sendo estuprada pelos próprios companheiros de combate. Em caso de gravidez, são obrigadas a abortar, e tudo isso em condições extremamente precárias, sem nenhuma higiene ou acompanhamento médico. Para os grupos armados, a mulher que engravida e vira mãe se “amolece”, tende a abandonar o grupo e se torna um perigoso arquivo vivo.

Nos raros casos em que as mulheres recrutadas por esses grupos conseguem manter a gravidez, em geral por serem filhos gerados com os chefes de bandos, o parto acontece também sem nenhum amparo médico, arriscando a vida da mãe. Quando chegam a nascer e sobreviver, os filhos do conflito já nascem em cativeiro, sem chances, sem escolhas.

Para Gladys, a camponesa que já não pretende mais tentar voltar à antiga terra, “é claro que o conflito não acabou, nem vai acabar. Isso é um bom negócio para a Colômbia. Para a guerra, sim, há dinheiro, mas para solucionar a pobreza e a situação na qual vive a população, não há”, completa. 

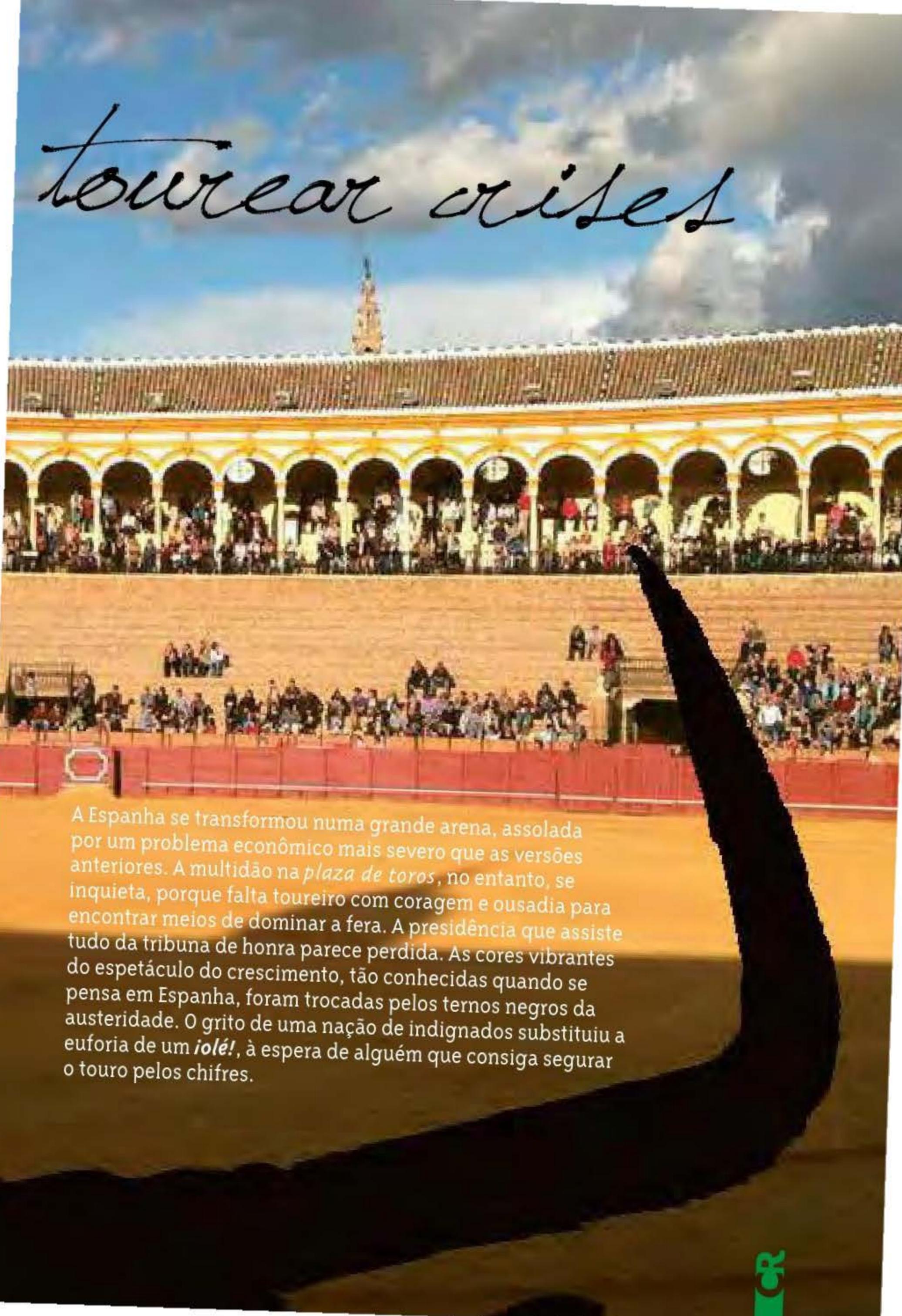


# A arte de



Texto | **Roberta Pinheiro**  
Fotos | **Contrafoto 21 e Roberta Pinheiro**  
Diagramação e arte | **Ramilla Rodrigues**

# Tourear crises



A Espanha se transformou numa grande arena, assolada por um problema econômico mais severo que as versões anteriores. A multidão na *plaza de toros*, no entanto, se inquieta, porque falta toureiro com coragem e ousadia para encontrar meios de dominar a fera. A presidência que assiste tudo da tribuna de honra parece perdida. As cores vibrantes do espetáculo do crescimento, tão conhecidas quando se pensa em Espanha, foram trocadas pelos ternos negros da austeridade. O grito de uma nação de indignados substituiu a euforia de um *¡olé!*, à espera de alguém que consiga segurar o touro pelos chifres.



## A arena está lotada de gente.

Famílias, jovens, crianças, idosos fazem festa. Conversam, riem, falam alto. De uma parte, expostos ao sol forte, os que compraram ingressos mais baratos. Do lado oposto, a presidência, que decide o rumo da corrida de touros. Acordes reais compõem a trilha sonora. Espanhóis fervorosos aguardam a entrada do toureiro, homem valente a desafiar a força da natureza animal. Ao apito inicial, silêncio. O portão se abre, a comitiva desfila. Reforçados nas cores e no brilho, homens imponentes entram munidos de espadas e capotes, tecido de cor intensa que guia o vai e vem do touro. São aclamados pela multidão. Minutos depois, entra a fera. O olhar é desafiador. Entretanto, no meio daquela comitiva falta um elemento: o toureiro. Pela primeira vez na Espanha uma corrida de touros se inicia sem o homem capaz de dominar o animal. A atônita multidão está diante de um dos piores touros da história, a crise econômica.

Em vez de enfraquecer o touro, os golpes parecem atizar a ira. A comitiva de entrada grandiosa perde forças à medida que tenta sem sucesso dominar o animal. A presidência, alarmada, se pergunta o que pode ser feito. Na corrida descontrolada, os obstáculos que protegiam a multidão vêm abaixo. Com o olhar fixo na plateia, o touro avança sem receio. Começa pelo lado mais exposto. Fere sem distinções de idade, gênero ou classe social. Leva a Espanha a níveis recordes. “Mais de seis milhões de desempregados”, informa um jornalista presente ao espetáculo.

Os banqueiros, sentados ao lado da presidência, pedem ajuda para controlar os desmoronamentos. Composta por ministros

da União Europeia, a presidência estabelece um resgate de até cem bilhões de euros (aproximadamente R\$280 bilhões) para recapitalizar o sistema bancário espanhol. O suporte financeiro, porém, não é suficiente e os banqueiros tomam da plateia os assentos que haviam alugado. Famílias são desalojadas, uma média de um despejo a cada 15 minutos. “Direito a teto a preço justo”, implora um senhor. O desespero leva alguns espanhóis ao ato extremo de pular das paredes da arena. A carta do filho de um suicida vira manchete de jornal. Samuel Carrillo Peña, 19 anos, divulgou a morte do pai “para que, ao menos, sua morte não seja em vão e esses senhores dos bancos tomem consciência que, pouco a pouco, estão destruindo famílias e matando seres humanos”.

Enquanto isso, a comitiva, liderada pelo presidente de direita do governo da Espanha, Mariano Rajoy, desdobra-se para dominar a fúria taurina. Aumenta-se em 21% o imposto sobre bens de consumo; reduz-se o orçamento governamental com saúde em mais de sete bilhões de euros (aproximadamente R\$19,6 bilhões) desde 2010; diminuem-se os salários dos funcionários públicos e os benefícios-desemprego, entre outras medidas. O touro prossegue e deixa rastros por onde passa. Placas de vende-se em comércios fechados, aluga-se em casas desocupadas. “Correios fechados, greve geral”, avisa um cartaz.

O espetáculo da corrida de touros, dos homens destemidos e imponentes, das roupas de luzes e cores, dos capotes, dá lugar a manifestações, conflitos e medos. A *plaza de toros* da grande Espanha está em crise. Enquanto bancos, presidência e comitiva tentam ajustar os dígitos e recuperar o superávit



da economia espanhola, os que vivem o dia a dia das ruas buscam a destreza dos grandes toureiros para dominar a fera. “Sem saúde e sem educação só nos resta a luta”, grita um espanhol corajoso. “Sem consciência, você é só uma ovelha a mais”, um outro tenta convencer os que não se mobilizaram com a situação.

### *Cria-se a fera*

O animal é de uma força devastadora. Todos se questionam sobre quem criou tal fera e deu início ao espetáculo sem o ator principal. Ainda há muitas discordâncias nas respostas, contudo, o que é consensual entre os especialistas que presenciam o desmoronamento da arena é que o animal foi bem alimentado no melhor dos contextos.

Na década de 1990, o líder da comitiva e presidente de direita do governo espanhol, José María Aznar, foi o primeiro a moldar o cenário. Em 1998, ele assinou a nova lei do solo, autorizando a privatização dos terrenos urbanizáveis para a construção de moradias. A arena Espanha foi tomada por construções. A lógica parecia perfeita: o mercado da construção civil se tornaria rentável para os empresários que investiram em obras. Em consequência, o aumento da oferta diminuiria os preços e os espanhóis teriam assentos particulares para assistir ao espetáculo da própria cultura. No entanto, a estratégia de Aznar não ocorreu como imaginada. A demanda realmente aumentou, mas com ela também cresceram o custo da produção e o valor dos lotes. Em vez de atrair investidores, a arena trouxe especuladores. Em quatro anos, o valor de cada assento aumentou mais de 50%, com o metro quadrado pulando de 1.089 euros para 1.667 euros.

Aznar estabeleceu, no ano de 2002, a reforma trabalhista. A estratégia era similar à lei dos solos: reduzem-se os direitos trabalhistas, a contratação de mão de obra torna-se atrativa, aumenta-se o investimento das organizações em funcionários e, conseqüentemente, cai a taxa de desemprego. O assento na arena e o emprego que garantisse ao cidadão o salário no fim do mês para os gastos com as cervejinhas do dia a dia era a condição ideal. Alguns jovens abandonaram os estudos para trabalhar no mercado da construção civil. Em dez anos, de 1995 a 2005, a taxa de desemprego caiu em mais de 40%, de 22,9% para 9,2%. A arena estava em festa. E o espetáculo da plaza de toros atraiu não apenas os nativos, mas também turistas permanentes. De diferentes partes do mundo, estrangeiros foram em busca de espaço, nem que fosse na arquibancada mais à margem do cenário principal das touradas.

### *Como vivem os espanhóis*

Apesar das diferenças, a plateia vibrava a cada movimento de capote. As cores quentes da bandeira espanhola coloriam a arena. O clima era de alegria e prosperidade. Ao contrário dos anos difíceis da ditadura franquista, o país celebrava.

No ano de 2005, a Espanha construía mais que Alemanha, Itália e França juntos. O Produto Interno Bruto (PIB) espanhol não via números negativos. Os espectadores falavam em milagre econômico. *¡Olé!* A comitiva, agora liderada por José Luis Zapatero, presidente de esquerda, parecia dominar com energia. Na euforia do momento, ninguém percebeu, contudo, que ao mesmo tempo em que caíam as taxas de desemprego, os preços dos assentos subiam e



os salários estavam estagnados. Seria a hora de vender o lugar neste espetáculo da cultura espanhola? Afinal, com salários congelados e preços aumentando, como manter *la forma de vivir española*?

Banqueiros, atentos às mudanças, decidiram reduzir as exigências para a concessão de créditos. *¡Olé!*, vibraram os espectadores. Aumentaram o prazo das hipotecas em 30, 40 anos; concederam financiamento para moradia; garantiram outros benefícios, como smartphones, para registrar os dribles da comitiva. Todos pareciam se dar bem, não importava a classe social ou o país de origem. O resumo era simples: ganhava-se um *sueldo de mierda* (salário baixo), mas se *vivia de puta madre* (vivia-se muito bem). Nos bares, as cervejas vinham acompanhadas de pequenas porções de comida, as *tapas*. O riso fácil estava no rosto de espanhóis, estrangeiros, banqueiros, comitiva e presidência.

### *Combustível internacional*

Nos bastidores da arena, no entanto, e, principalmente, escondido nos créditos concedidos pelos banqueiros, estava o financiamento internacional. Dinheiro de outros países, como os Estados Unidos da América (EUA), era o que custeava essa estranha corrida. No ano de 2008, uma nuvem cinza se formou sobre o cenário vermelho e amarelo: quebra dos bancos norte-americanos e instabilidade no sistema financeiro internacional. Os espectadores se perguntam como esta nuvem chegou até a arena e encobriu de inseguranças a festa espanhola. Apesar de espectador, o professor doutor Ramón Reig, pesquisador dos conglomerados midiáticos espanhóis e da relação com a estrutura de poder no país, conhece o funcionamento destes bastidores. Ele foi responsável pelo setor de imprensa do Ministério da Economia, do Ministério das Finanças e do Instituto de Desenvolvimento de Andaluzia, região sul da Espanha e explica: “A credibilidade que a Europa dava aos Estados Unidos fez com que bancos europeus comprassem títulos procedentes das chamadas subprime, ou seja, operações que o sistema bancário norte-americano levou durante anos emprestando dinheiro a taxas de juros baixas à pessoas inadimplentes para que estas pudessem adquirir casa própria, tendo em vista que a Reserva Federal havia disponibilizado dinheiro barato para que outros setores da economia pudessem se recuperar. O efeito dominó fez o restante”.

Durante anos, o touro também foi alimentado com produtos importados. Após a entrada da Espanha na Comunidade Europeia em 1986, o governo adotou como objetivos primordiais os critérios de convergência econômica. Modificaram-se as orientações da economia espanhola para diminuir as distâncias que a separavam dos níveis de renda e bem-estar de outros países europeus. As taxas de juros caíram de 14,7% para 4,1%.

Cenário ideal para consumo, investimento e crescimento econômico. Entre 2002 e 2005, a Espanha era a primeira usuária do euro nas importações e a segunda nas exportações, só perdendo para Luxemburgo. “A Espanha deixou de ser um país de segunda linha para ser bem vista na Europa. Naquela época, reduziu-se a prima de risco (rentabilidade que os investidores exigem de um país para comprar sua dívida, em comparação com a que exigem de outros países) e os capitais estrangeiros começaram a investir e emprestar dinheiro para a Espanha”, avalia Carmen Alcaide, ex-presidente do Instituto Nacional de Estatística da Espanha em artigo no jornal *El País*. Internamente, o governo garantiu a gratuidade das conversões das contas bancárias para a nova moeda e impediu o aumento no valor dos créditos para compra de moradia. Tempos de touros gordos e do fenômeno da “euroilusão”. Como exemplo, um café que custava cem pesetas passou a custar um euro (166 pesetas), enquanto um salário de cem mil pesetas resultou em 600 euros e não em mil euros, para manter o poder aquisitivo.

### *Na contramão da crise*

O rebuliço e as brigas das bolsas de valores ocupam os bastidores da plaza de toros, enquanto na arena cortam-se os créditos. O PIB da Espanha e o consumo dos espanhóis caem a níveis alarmantes. A comitiva pergunta-se onde está o toureiro. Os banqueiros, atolados em hipotecas, pedem ajuda de um lado e a presidência exige atitude de outro. Os trajes de luzes são substituídos por ternos negros. Entra em cena a comitiva da austeridade. A política vai além da iniciada por Zapatero com o corte da ajuda de 2,5 mil euros que o governo dava para casais que tivessem filhos, o Cheque Bebê. É política que limpa benefícios sociais, alcança direitos básicos como saúde e educação e ameaça as pensões. De acordo com a correspondente da *Folha de S. Paulo* Luisa Belchior, que vive em Madri desde 2009 e tem um blog a respeito do país ibérico, “o Cheque Bebê era a forma de o governo dizer, através de uma política pública, que queria mais gente no país, mais consumo, mais dinâmica. O corte foi uma espécie de divisor de águas de uma Espanha focada em reforçar gastos sociais, em investir em infraestrutura e pouco preocupada com o endividamento, para uma outra Espanha com todos os olhos nas contas públicas”.

A plateia arca com as consequências. Começam as demissões e desalojamentos. “As pessoas viviam muito bem, mas começaram as demissões, o fechamento de empresas até chegar aos suicídios, que estão aumentando”, relata Cintia Hidalgo, espanhola de 20 anos que assistia ao espetáculo ao lado da família. Cintia vê o irmão mais velho e o pai desempregados, uma irmã pequena ainda estudante e apenas o salário da mãe para sustentar o espaço na arena. “E eu, universitária, embora não sei até quando poderei



continuar.” Cintia depende da bolsa de estudos do governo, mas ao avistar o touro tão próximo, foi em busca de trabalho temporário como professora particular. Entretanto, conta, com olhos preocupados: “Se invisto parte do meu tempo no trabalho e não cumpro as exigências do governo, fico sem a bolsa e isso me levaria a parar de estudar”.

Cintia viveu na *plaza de toros* da alegria. Hoje, ela aprende a administrar a vida de uma maneira contida, “sempre comprar o mais barato de alimentos, de roupa, reutilizar numerosas coisas, aproveitar cada gota de água, cada migalha de pão”. No fim da conversa, não deixa escapar, no entanto, o espírito típico do espanhol e diz que na carteira tinha apenas dois euros, um seria para a cerveja e outro para as *tapas*, pois desfrutar a vida ao lado dos amigos é o que importa.

Para manter os velhos hábitos, a arena se remodela. “Preço especial anti crise”, grita um vendedor de amendoins. Um restaurante passa do clássico menu completo, com primeiro e segundo pratos, sobremesa, pão, bebida e café a preço acessível, ao menu expresso, opção com apenas um prato por dois euros a menos. Um outro bar oferece o menu anti crise, refeição completa por 6,5 euros, mas com uma única opção de bebida: água. Os cinemas dão descontos de 50% para desempregados. Surgem anúncios de serviços domésticos, como encanador e pedreiro, com preços anti crise. E até a cervejinha do final do expediente ganha preço especial: 0,40 euros nos bares que não querem perder a freguesia. “Obviamente, o poder aquisitivo muda os costumes dos cidadãos. Se antes, com os salários que havia e com as pessoas trabalhando, se podia dar ao luxo de ir ao cinema regularmente ou viajar de férias, é claro que hoje em dia isso se vê recortado também”, conta Nuria Muñoz Fernández.

## *Jovens desempregados*

Nuria é uma espanhola de 25 anos que se reúne ao lado da chamada geração perdida, ou seja, jovens formados que não encontram trabalho nem têm perspectivas. O touro atingiu em cheio este lado da arena: “O desemprego entre os jovens volta a bater recordes no primeiro trimestre de 2013”, anunciam o jornais. Em 2012, eram 970 mil e só em 2013 são mais de 30,2 mil com menos de 25 anos. Nuria é apenas uma porcentagem dos 57,2% dos jovens desempregados. Ela concluiu o curso de jornalismo pela Universidade de Sevilha e atualmente divide o tempo entre o doutorado, trabalhos que surgem na própria universidade e um outro emprego temporário como cuidadora de crianças. “O essencial é seguir estudando. Por isso, penso em seguir com cursos, seminários e, sobretudo, aproveito qualquer trabalho eventual que apareça para guardar um pouco de dinheiro e não depender tanto dos meus pais. Encontrar um trabalho na minha formação agora é praticamente impossível, eu diria utópico.”

A questão trabalhista é o ponto crucial atacado pelo touro. Ali fervilhavam situações que chamaram a atenção do animal. Segundo publicação do jornal *El País*, o touro mirou em pontos distintos no começo da derrocada e agora. “Em 2008 e 2009, basicamente jovens com menos de 35 anos e pouco formados, que trabalhavam na construção civil e na indústria com contratos temporários, perderam os empregos. Agora, sem que o sangramento tenha parado nesta via, a destruição de postos de trabalho não faz descriminalização por idade, atinge também quem tem contratos fixos e setores até então imunes, como os empregados públicos e os especialistas.” A *plaza de toros* tem um seguro desemprego de dois anos mais subsídio para amparar os cidadãos. No entanto, de acordo com os serviços públicos de emprego, pouco mais de três milhões de desempregados ainda recebem a ajuda. Os outros passaram do tempo permitido.







pudesse pagar, mas a única solução oferecida foi o pagamento de 118 mil euros na hora e ela seria a dona definitiva do imóvel. Entretanto, onde Manoli buscaria tal quantia?

### *É preciso mobilizar*

Enquanto presidência, banqueiros e comitiva se reúnem para encontrar a espinha dorsal do touro, pequenos grupos se formam no meio da multidão para reunir forças contra o animal. Nasce o movimento dos indignados, o 15M; o grupo Stop Desahucios, contra os desalojamentos; a Plataforma dos Afetados pela Hipoteca (PAH), entre outros. É manifestação de jornalistas de um lado, de professores do outro, de enfermeiros e médicos no centro da arena. A população espanhola entra em cena. “Eles têm todos os recursos, nós só temos isso: a rua e a juventude que luta e cria”, grita um jovem no meio das manifestações. “A vossa crise nós não vamos pagar”, escrevem num cartaz. Alguns grupos começaram grandes, mobilizando principalmente por meio das redes sociais, mas outros começaram no dia a dia das cidades. É o caso do coletivo de Santiago Espinosa, um estudante que se juntou com amigos e formou o Contrafoto21. Sem ânimo de lucro, pretendem

não apenas refletir as distintas realidades com o propósito de informar por meio da fotografia, mas, sobretudo, difundir o ato social e chamar cada dia mais gente a se comprometer com a luta. “Olhar ou agir?” é o lema do grupo.

Toda forma de mobilização é válida. Surgem as de caráter político, social, as iniciativas de bairros, as moedas alternativas, as hortas comunitárias. “As pessoas estão se organizando como podem para sobreviver”, é o que conta Clarissa Rossi, uma brasileira no meio de espanhóis. Há cinco anos, ela realizou o sonho de morar na Espanha e não pretende voltar ao Brasil mesmo em tempos de crise, pois quer vivenciar a corrida descontrolada. Ela comenta que a Espanha vive uma mudança de valores em relação ao sentido e ao valor do dinheiro, do consumir e das próprias relações pessoais. Na rotina da metrópole Barcelona, Clarissa percebe que a situação é tão dramática “que existe uma necessidade de comunidade, de respeito ao próximo, de ajuda ao vizinho”. Questiona-se agora a capacidade destes atos em institucionalizar as reivindicações, “mesmo porque, eles mesmos não são capazes de ter um discurso uniforme”, afirma a brasileira. A única manifestação com resultados concretos é a Plataforma dos Afetados pela Hipoteca que, com a ajuda da mídia e dos casos recorrentes

de suicídios, conseguiu uma ordem da União Europeia que alterou a lei de despejos.

“Já não é mais crise, é situação. O bombardeio de notícias ruins e a falta de perspectiva, tudo deprime”, diz Clarissa. Ao circular pela arena, entre os amigos espanhóis, a brasileira conta que eles estão tomados por um complexo de inferioridade. Não reparam que o esforço de mobilização social influenciou o mundo. “A negatividade é tanta que é impossível fugir. Isso é o que mais me deixa triste.” Em um canto da arena, uma professora se despede da turma com olhos cheios de água. Os alunos estão para se formar, um avisou que se mudará para outro país assim que terminar os estudos, porque não terá oportunidades de emprego. A professora diz ter consciência desta realidade e os incentiva a buscarem oportunidades onde houver, “mas que futuramente, depois de estabilizados economicamente, deveriam voltar para a Espanha, pois o país precisava desta mão de obra e desta paixão para se reerguer”.

### *Espírito do toureiro*

Seria o fim? A forma tradicional das grandes touradas espanholas é questionada. A eterna briga entre o culto ao tradicional e a violência com o animal injustiçado. A briga entre o

culto da forma de viver a espanhola e a necessidade de modificar hábitos, de conter gastos. O colapso está instaurado.

Especialistas se atrevem a anunciar saídas de emergência e sinais de recuperação. “O turismo é a chave da economia espanhola e sua recuperação”, anunciam nos jornais. O economista chefe do Grupo BBVA, um dos maiores bancos da Espanha, avalia que a evolução econômica é resultado das exportações, que subiram em torno de 25% desde 2009. Afinal, explica, o crescimento da classe média e a necessidade de infraestrutura nos países emergentes demandam produtos que se aproximam do padrão de exportações espanhol. Estaria o touro cansado de tanto estrago ou, banqueiros, comitiva e presidência teriam de fato afiado as espadas para o ataque final?

A pergunta permanece no ar, pois o fim desta tourada está longe, em 2016, segundo especulações. O que ninguém duvida, no entanto, é que houve uma mudança na tradicional tourada espanhola. O antigo duelo entre homem e animal não existe mais, pois a força da fera será testada pela força de uma nação de indignados.

**Basta agora que esta nação perceba a força que sempre teve.**



# GÊNESIS

Diagramação e arte | Luciano Mendes



no princípio era o quase. e vagavam  
os dois pelos vãos admirados mirando  
a força arrebatadora do paraíso

dormiam no corpo as macieiras  
e se amavam sempre como manhã  
na cores da chuva era um tudo

mundo era centro do sol e o sol  
assim brilhava como eles brilhavam  
e se amavam nas manhãs de sol

mas a chuva incessou e deitou depois  
do sétimo dia depois do pecado deitaram  
gotas no chão batido: amados imóveis

deitaram ausência de sol o solo fora mais  
molhado alagava a água torrente descia  
escorria molhava mais que molhava aguava

no princípio eram frases. e jasão cantava  
frases mínimas. e quando mudo conversava  
em versos e só, no sono, de medéia versava

ela aplaudia admirada no balanço do jardim  
da casa deles o espetáculo do solitário  
acordados: aéreos esperantes tinham asas

e livres voavam amavam livrarbitravam  
as imagens do mundo e mais se amavam  
imóveis no ar: amavam dias descansavam

no fecundar do ato habitaram o mundo. e  
tiveram filhos e mais se amavam os filhos  
procriavam proseavam e se filiavam à terra

às liberdades plantadas floriam arbítrios  
espalhavam as ramas pelo chão e deitavam  
nos velucinos de relva e dormiam contentes

os filhos se amavam se cresciam e se matavam  
cainamente na velocidade invisível da vida  
viajaram mares e lares e babélicos penaram

...mas jasão e medéia – expulsos, mesmo, deles...

jasão homem amou o poder e desejou poder amar  
pois assim amou a filha do tirano e a despojou

e amou e armou e amou até mais não poder

medéia só. medéia de si: brotou se amou  
no anti-amor a parte que medeia a mulher  
aflorou na parte medida que lhe coube

e de medéia tiveram ódio – os deuses  
e de medéia tiveram medo – os noivos  
e de medéia obtiveram amor – os filhos

...mas era o amor uno – um amor maior que a morte...

ela, por ser, medéia, mulher: e tanto amou os filhos  
e tanto medrou os noivos e tanto falou ao tirano  
e tanto espiou os deuses que ela mais que mulher

supermulher. e matou. e matou. na dor dos filhos  
e o mundo se fechou em bem. e os deuses condenados:  
fingindo fingidores as dores que eles não têm.

medéia atriz. amor maior que: feliz para-bela. ela

**AUGUSTO RODRIGUES** é poeta. Autor de *Nleamar* (GEV, 2008), *Onde as ruas não têm nome* (Thesaurus, 2011), *Do lturo de carne* (Thesaurus, 2012). Venceu o concurso de Poesia Fernando Mendes Viana com *Onde as ruas não têm nome* e recebeu menção honrosa no concurso Cidade de Belo Horizonte – Prêmio Carlos Drummond de Andrade, categoria estreante em 2008, com o livro *quase poeta*. Atua como professor de Literatura Brasileira e Comparada no Departamento de Teoria Literária e Literaturas (TEL) da Universidade de Brasília. Os poemas publicados neste número do **Campus Repórter** fazem parte da coletânea *quase poeta*, ainda inédita.

# ERA UMA VEZ UM PAÇO



Pouco dias depois Rubião morreu...  
pegou em nada, levantou nada e cingiu nada;

era uma vez um imperador  
que morava na casa de imperador  
e usava uma coroa de imperador

era ele imenso o seu espaço  
a casa do império era o paço  
casa-passo agora ele: um pássaro

era azul a roupa do imperador  
que morava no espaço de imperador  
e dormia numa cama de imperador

museu de si mesmo passeava  
pelo paço e vagava por cantigas  
de aspas e canções de cães de março

era grande o reino do imperador  
era imenso o mar do imperador  
era maior o laço do imperador

sem direção cajado em quando  
morava habitava uma coroa ausente  
era ele mesmo romance bacia espaço

era nada a terra do imperador  
era nada a vaga do imperador  
era nada a gota d'água d'imperador

e assim mesmo a casa do imperador  
todos soltos leves alinhados no espaço  
era uma vez: o passo o reino e o paço

# LAVAR ARROZ



lavar se limita à água  
trocar a água: escolher  
quantas vezes lavar grãos  
retirar o parbóleo, o arbóreo  
desmarmorizar o branco  
do arroz lavar os grãos

lavar se limita a lavar  
grãos escorrer peneirar  
as águas os resíduos  
os brancos do arroz  
anti-branco parbolizar  
cabralinar os grãos

a primeira água revela:  
branco cinza de partes  
de tintas pardas de arroz  
pratas fios retintos tintos  
adentram o ralo no halo  
o escuro obscuro do cano

na segunda água: ao acaso  
bóia a palha limpa palha  
passada à limpo isolada  
no esquecimento dela erma  
fábula de anti-palhas manter  
a cor do arroz empalhada

na terceira água aquática  
o arroz imóvel se branquifica  
e mais branco na transparência  
fica imóvel seca se espalha  
pia de mármore amarelo  
lembra a palha resíduo e elo

o branco de tinta parbólica  
espera o alho amarelo  
o tempo da água ferver  
o tempero do sal tempera  
alumínio da panela alumia  
a espera do arroz branco

e jogado som de óleo o fio  
adentra o corpo setenta por cento  
água setenta gramas de arroz  
a água do feijão mastigar  
catar feijão catar do outro: versos  
outros versos outras histórias contar...

# expediente

## Editor-executivo

Paulo Paniago

## Editores

David Renault, Sérgio de Sá e Solano Nascimento

## Editor de arte

Luciano Mendes

## Editor de fotografia

Marcelo Feijó

## Reportagem

Amanda Maia, Amanda Martimon, Bárbara Nascimento, Lívia Mota, Maryna Lacerda, Roberta Pinheiro e Tiago Amate

## Fotografia

Alexandre Bastos (foto de capa), Marcella Fernandes, Camilla Garcia Brunca

## Diagramação

Antônio Alysson Rodrigues Martins, Gabriela Caixeta Alcuri, Juliana Ciarlini, Leonardo de Araújo Vieira, Ramilla Corrêa Rodrigues e Vanessa Machado Arcoverde

## Secretária de Redação

Roberta Pinheiro

## Agradecimentos

Grupo Contrafoto 21

# CAMPUS REPÓRTER

## nº 12

Faculdade de Comunicação | UnB

## Diretor

David Renault

## Departamento de Jornalismo

Sérgio de Sá

## Departamento de Audiovisual e Publicidade

Susana Madeira Dabal Jordan

## Coordenação Comunicação Organizacional

Tiago Quiroga Fausto Neto

## Endereço

Campus Universitário Darcy  
Ribeiro Faculdade de Comunicação, ICC  
Ala Norte CEP 70.910-900. Brasília/DF  
Tel. (61) 3307.2461  
Caixa Postal 04660  
www.fac.unb.br

## Impressão

Qualytá Gráfica e Editora

## Tiragem

4 mil exemplares

**Campus Repórter** é uma publicação semestral, produzida por professores e alunos das disciplinas Laboratório Campus Repórter e Diagramação Campus Repórter. Faculdade de Comunicação/UnB - Ano 7, número 12, 2013.

Para enviar comentários ou pedir algum número da nossa revista, entre em contato pelo endereço [reportercampus@gmail.com](mailto:reportercampus@gmail.com).

## Edições anteriores em:

<http://issuu.com/campus-reporter>.

## Curta nossa página no Facebook:

[facebook.com/RevistaCampusReporter](https://www.facebook.com/RevistaCampusReporter)



**N**o próximo número da **Campus Repórter** que está em produção será possível encontrar nova série de reportagens que verticalizam a relação com os temas. Ingridy Peixoto relata narrativas de pessoas que não se interessam por sexo. Laísa Queiroz mergulha nas mudanças de crenças entre

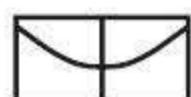
ciganos. O repórter Lucas Vidigal encontra um pequeno e remoto bairro em São Paulo que, próximo ao mar, ainda é parte da cidade. Monique Rodrigues traça o perfil do maestro Levino de Alcântara, fundador da Escola de Música de Brasília. Paloma Suertegaray descobre estranhos objetos que são contrabandeados para dentro

de presídios. Pedro Paulo Souza conta as dinâmicas das gangues do Distrito Federal. Uma dessas reportagens será adiada para a edição posterior, mas qual delas é surpresa que guardamos para os leitores. O que não é surpresa é que continuamos a trabalhar com intensidade em busca da matéria com que a realidade é feita.



# 2013

COMUNICAÇÃO  
ORGANIZACIONAL  
FAC - NOTURNO



**UnB**

Comunicação Organizacional é o curso mais novo da Faculdade de Comunicação, mas já apresenta números de gente grande. Oferece 40 vagas por semestre. Hoje tem 259 alunos e 15 professores, dos quais dez doutores e cinco doutorandos. Na avaliação de reconhecimento do MEC, recebeu nota máxima: cinco. A comissão analisou organização didático-pedagógica, políticas de ensino, extensão e pesquisa, estrutura curricular e conteúdos programáticos, entre outros quesitos. A ComOrg, como é carinhosamente chamada, saiu-se bem em todos. Cá entre nós, o resultado traduz o que internamente sabíamos. O curso noturno nasceu maduro, para atender a uma formação sólida e consistente de cidadania e profissionalismo. A primeira turma se forma no final de 2013. Orgulhosa, a FAC comemora.

# 5

NOTA  
MÁXIMA  
MEC

**fac.unb.br**

# 12

ano 7 • fac • unb • 2013

Reportagem e pensamento fornecem o tom da revista **Campus Repórter**, feita por estudantes da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Juntos, dão conta da informação em forma de texto, fotografia e design. O tempo conta muito, dilatado ao longo de um semestre, para aprofundar o modo de compreensão da realidade. Novos desafios, renovados a cada edição na busca por informação qualificada.